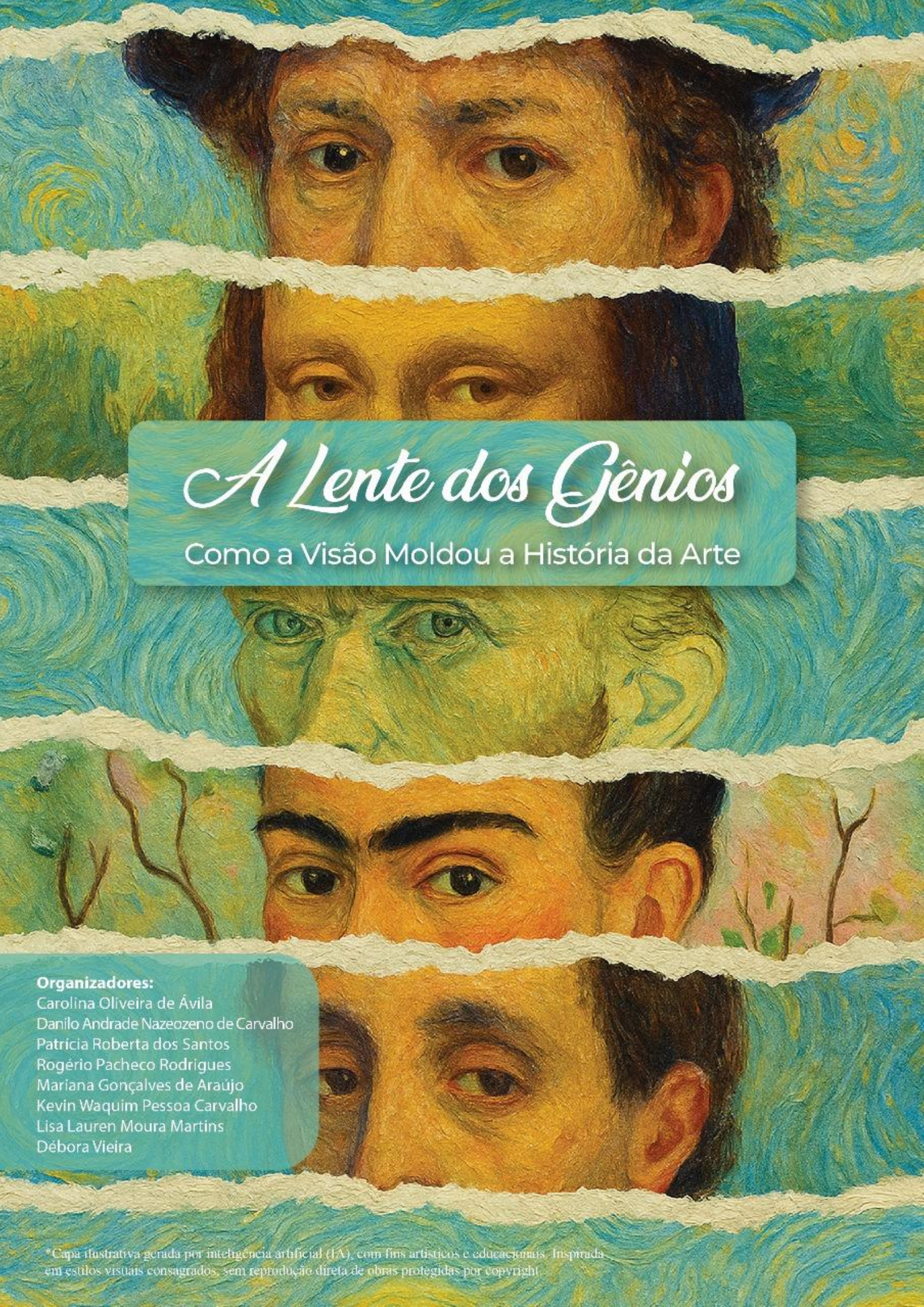




A Lente dos Gênios

Como a Visão Moldou a História da Arte

Organizadores:

Carolina Oliveira de Ávila
Danilo Andrade Nazeozeno de Carvalho
Patrícia Roberta dos Santos
Rogério Pacheco Rodrigues
Mariana Gonçalves de Araújo
Kevin Waquin Pessoa Carvalho
Lisa Lauren Moura Martins
Débora Vieira

*Capa ilustrativa gerada por inteligência artificial (IA), com fins artísticos e educacionais. Inspirada em estilos visuais consagrados, sem reprodução direta de obras protegidas por copyright.

A Lente dos Gênios

Como a Visão Moldou a História da Arte

Edição I

ORGANIZAÇÃO

Liga Acadêmica de Oftalmologia ZARNS - LAOZ

COORDENAÇÃO GERAL

Carolina Oliveira de Ávila

DIRETORIA EXECUTIVA

Danilo Andrade Nazeozeno de Carvalho

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Patrícia Roberta dos Santos

Rogério Pacheco Rodrigues

Mariana Gonçalves de Araújo

Débora Vieira

COORDENAÇÃO DE ESPECIALIDADE – OFTALMOLOGIA

Kevin Waquim Pessoa Carvalho

Lisa Lauren Moura Martins

COMISSÃO ORGANIZADORA

Ana Karolina Alves Negri Antônio

André Gonçalves de Souza

Anna Luisa Gonçalves Aguiar

Camila Mourão Araujo Borges

Carolina Oliveira de Ávila

Danilo Andrade Nazeozeno de Carvalho

Débora Vieira

Gabriela Peixoto Carvalho

Giovanna Santos Neri

Joseli Aparecida Braga Mota

Kaio Henrique de Araújo Rodrigues

Kevin Waquim Pessoa Carvalho

Lisa Lauren Moura Martins

Maria Fernanda Pimentel Vinhadelli

Mariana Gonçalves de Araújo

Matheus Barbosa Figueira Ramos

Patrícia Roberta dos Santos

Rogério Pacheco Rodrigues



2025 by Editora Pasteur
Copyright © AVILA, Carolina Oliveira

Editor Chefe:

Dr. Guilherme Barroso Langoni de Freitas

Corpo Editorial:

Dr. Alaercio Aparecido de Oliveira
(Faculdade INSPIRAR, UNINTER, CEPROMEC e Força Aérea Brasileira)
Dra. Aldenora Maria Ximenes Rodrigues
MSc. Aline de Oliveira Brandão
(Universidade Federal de Minas Gerais - MG)
Dra. Ariadine Reder Custodio de Souza
(Universidade Estadual do Centro-Oeste – PR)
MSc. Bárbara Mendes Paz
(Universidade Estadual do Centro-Oeste - PR)
Dr. Daniel Brustolin Ludwig
(Universidade Estadual do Centro-Oeste - PR)
Dr. Durinézio José de Almeida
(Universidade Estadual de Maringá - PR)
Dra. Egídia Maria Moura de Paulo Martins Vieira
Professora UNIFSA (Centro Universitário Santo Agostinho)
Dr. Everton Dias D'Andréa
(University of Arizona/USA)
Dr. Fábio Solon Tajra
(Universidade Federal do Piauí - PI)
Francisco Tiago dos Santos Silva Júnior
(Universidade Federal do Piauí - PI)
Dra. Gabriela Dantas Carvalho
Dr. Geison Eduardo Cambri
MSc. Guilherme Augusto G. Martins
(Universidade Estadual do Centro-Oeste - PR)

Dr. Guilherme Barroso Langoni de Freitas
(Universidade Estadual de Maringá UEM)
Dra. Hanan Khaled Sleiman
(Faculdade Guairacá - PR)
MSc. Juliane Cristina de Almeida Paganini
(Universidade Estadual do Centro-Oeste - PR)
Dra. Kátia da Conceição Machado
(Universidade Federal do Piauí - PI)
Dr. Lucas Villas Boas Hoelz
(FIOCRUZ - RJ)
MSc. Lyslian Joelma Alves Moreira
(Faculdade Inspirar - PR)
Dra. Márcia Astrês Fernandes
(Universidade Federal do Piauí - PI)
Dr. Otávio Luiz Gusso Maioli
(Instituto Federal do Espírito Santo - ES)
Dr. Paulo Alex Bezerra Sales
MSc. Raul Sousa Andreza
MSc. Renan Monteiro do Nascimento
MSc. Suelen Aline de Lima Barros
(Centro Universitário Santo Agostinho)
Dra. Teresa Leal
Saulo Barreto Cunha dos Santos
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RN)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Editora Pasteur, PR, Brasil)

A958 AVILA, Carolina Oliveira

I Edição, A lente dos Gênios, AVILA, C.O. *et al.* – Itumbiara, GO: Pasteur, 2025.

1 livro digital; 74 p.; ed. I; il.

Modo de acesso: Internet

ISBN: 978-65-6029-275-8

DOI do Livro: 10.59290/978-65-6029-275-8

I. Título.

1. Oftalmologia 2. Arte 3. Percepção Visual.

CDD 610

CDU 612,8

NOTA LEGAL SOBRE DIREITOS AUTORAIS E USO DE IMAGENS

O conteúdo desta obra foi produzido com finalidade educacional, científica e cultural, sem qualquer intuito comercial.

Todas as obras de arte analisadas pertencem ao domínio público, conforme previsto no artigo 41 da Lei nº 9.610/1998 (Lei de Direitos Autorais), visto que seus autores faleceram há mais de 70 anos. Nesta obra, foram estudadas e referenciadas obras dos seguintes artistas: Claude Monet, Vincent van Gogh, Leonardo da Vinci, Rembrandt van Rijn, Edgar Degas, Frida Kahlo, El Greco, Francisco de Goya, Georges Seurat e Salvador Dalí.

As imagens utilizadas foram obtidas de acervos digitais de museus ou fontes que permitam uso educacional, sempre acompanhadas da devida citação de autoria e da fonte original.

As fotografias de obras expostas permanentemente em logradouros públicos foram utilizadas nos termos do artigo 46, inciso VIII, da mesma lei, preservando sua integridade e finalidade didática.

As obras da artista Louise Bourgeois, por não estarem em domínio público (falecimento em 2010), são aqui analisadas apenas de forma descritiva e simbólica, sem qualquer reprodução visual direta, em conformidade com os princípios de uso justo para fins acadêmicos e científicos.

Não há, nesta obra, qualquer apropriação indevida de autoria, reprodução com fins lucrativos ou uso comercial de imagens protegidas. Caso algum titular de direitos identifique material indevidamente incluído, poderá entrar em contato com os organizadores para a imediata correção ou remoção.

Este livro está protegido por licenças que respeitam os limites do uso justo (*fair use*) para fins acadêmicos e científicos.

PREFÁCIO

Desde os meus primeiros passos na Medicina, encontrei na oftalmologia não apenas um campo científico, mas também um território poético, onde a precisão clínica se entrelaça com a sensibilidade humana. Descobri que os olhos não apenas enxergam: eles traduzem, expressam e emocionam. A forma como vemos o mundo pode transformar a maneira como o representamos.

Foi com esse olhar que nasceu este livro, uma obra que percorre séculos da história da arte para lançar uma pergunta instigante:

E se as escolhas cromáticas e formais de grandes mestres refletissem não apenas intenções estéticas, mas também experiências visuais alteradas?

Será que a névoa de certas paisagens impressionistas poderia estar relacionada a alterações no cristalino? O amarelo vibrante de algumas telas resultaria de estados emocionais intensos ou efeitos de substâncias utilizadas na época? As figuras alongadas e distorcidas em retratos históricos seriam estilo consciente ou expressão de uma visão fora do comum?

Mais do que atribuir diagnósticos retrospectivos, esta obra propõe um diálogo entre medicina e arte, entre a percepção clínica e a percepção estética. Afinal, ver vai além de captar luz: é reconhecer contrastes, perceber profundidades e interpretar nuances. Uma pequena alteração na retina, uma catarata discreta ou a perda de campo visual pode mudar profundamente o modo como o mundo é experimentado e, portanto, representado.

Sempre acreditei que os olhos carregam sentimentos em frações de segundo. Talvez seja essa intensidade silenciosa que os torne não apenas instrumentos da visão, mas espelhos da alma.

Cada capítulo deste livro é um convite a mergulhar na sensibilidade de artistas que, com ou sem limitações visuais, enxergaram além do visível. Unimos aqui ciência, empatia e uma profunda admiração por tudo aquilo que só os olhos — perfeitos ou falhos — são capazes de revelar.

Que esta lente literária amplie, mais do que a visão, a capacidade de sentir o mundo sob diferentes filtros: ópticos, emocionais e humanos.

Carolina Oliveira de Ávila¹

¹Acadêmica de Medicina pela Faculdade ZARNS Itumbiara (2020-2025). Fundadora e Presidente da Liga Acadêmica de Oftalmologia ZARNS (LAOZ); idealizadora dos projetos “Olhos de Luz” e “De Olho no Dex”; autora de dezenas de trabalhos científicos premiados. Atua com paixão na interseção entre saúde ocular, arte, ciência e humanidade. Acredita que os olhos não apenas veem, mas sentem — e que a luz que atravessa a retina também alcança a alma. Sua missão é transformar conhecimento em cuidado e visão em poesia.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	
A NÉVOA DE MONET	1
CAPÍTULO 2	
O AMARELO VAN GOGH	6
CAPÍTULO 3	
O OLHAR DE DA VINCI	13
CAPÍTULO 4	
O PESO DA PÁLPEBRA DE REMBRANDT	20
CAPÍTULO 5	
DEGAS EM DESFOQUE	26
CAPÍTULO 6	
OS OLHOS DE FRIDA	32
CAPÍTULO 7	
EL GRECO E O MUNDO INCLINADO.....	38
CAPÍTULO 8	
GOYA À MEIA-LUZ.....	44
CAPÍTULO 9	
SEURAT E O PONTO CEGO	52
CAPÍTULO 10	
BOURGEOIS E OS OLHOS DA MEMÓRIA	58
CAPÍTULO 11	
DALÍ E AS ALUCINAÇÕES.....	62

CAPÍTULO 1

A NÉVOA DE MONET

Uma jornada impressionista pelos olhos embaçados da catarata.

Danilo Andrade Nazeozeno de Carvalho¹

Mariana Gonçalves de Araújo²

¹Acadêmico de Medicina pela Faculdade ZARNS Itumbiara (2023–2029).

²Docente do Curso de Medicina da Faculdade ZARNS Itumbiara.

Palavras-chave: Catarata; Claude Monet; Impressão Visual; Arte e Medicina; Pintura Impressionista.

RESUMO

INTRODUÇÃO: Claude Monet, um dos principais nomes do impressionismo, foi afetado por catarata bilateral nos últimos anos de vida, condição que alterou significativamente sua percepção visual e, por consequência, sua produção artística. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma análise qualitativa com abordagem iconográfica e revisão narrativa da literatura científica e artística. Foram comparadas obras produzidas antes e depois do agravamento da condição ocular, com ênfase na representação do jardim em Giverny. **RESULTADOS:** As alterações observadas incluem perda de nitidez, predomínio de tons quentes e dissolução dos contornos, características compatíveis com a perda de acuidade visual. **CONCLUSÃO:** Conclui-se que, mesmo diante da limitação sensorial, Monet ressignificou sua experiência visual por meio de uma nova linguagem pictórica, contribuindo para o diálogo entre arte e oftalmologia.

INTRODUÇÃO: Claude Monet (1840–1926), fundador do movimento impressionista francês, destacou-se por sua dedicação singular à representação da luz em constante transformação. Seu jardim em Giverny tornou-se não apenas um refúgio pessoal, mas também uma fonte inesgotável de inspiração pictórica. Em especial, as séries dos Nenúfares e da Ponte Japonesa revelam uma exploração profunda da cor, da luminosidade e da fluidez visual (EFRIOURI, 2024; SPENCER, 2021). A proposta de articular arte e oftalmologia neste capítulo justifica-se pela relevância simbólica e estética das deficiências visuais na produção artística. Quando um artista experimenta alterações em sua acuidade visual, sua forma de ver e, por consequência, de criar, sofre transformações significativas. Investigar tais mudanças permite uma leitura ampliada e sensível da obra, que ultrapassa as interpretações puramente estilísticas (TAYLOR, 2022). Do ponto de vista médico, a catarata é uma das principais causas de cegueira reversível no mundo, afetando diretamente a nitidez, o contraste e a percepção cromática (HELOU, 2023). Para além da dimensão técnica da cirurgia, é essencial refletir sobre os impactos subjetivos da perda visual, sobretudo em indivíduos cuja atividade depende intrinsecamente da percepção óptica, como os artistas. Nessa perspectiva, a interface entre arte e medicina contribui para o fortalecimento da empatia clínica e para a valorização da experiência individual do adoecimento sensorial (SPENCER, 2021). O objetivo deste capítulo é analisar de que maneira a catarata influenciou as representações visuais de Claude Monet e como essa condição contribuiu para sua transição estética na fase final da vida. Busca-se compreender como a perda progressiva da nitidez visual foi ressignificada por meio de uma linguagem pictórica singular, resultando em um olhar artístico resiliente diante das limitações sensoriais. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter descritivo-analítico e abordagem interdisciplinar, que integra fundamentos das áreas de história da arte, farmacologia, neurologia e oftalmologia. A investigação foi conduzida em duas etapas complementares: análise iconográfica de obras de Vincent van Gogh e revisão narrativa da literatura científica e histórica. A análise iconográfica concentrou-se em pinturas produzidas por Van Gogh entre os anos de 1888 e 1890, com ênfase nas obras *Girassóis* (1888), *O Quarto em Arles* (1888) e *Campo de Trigo com Corvos* (1890). As imagens foram obtidas em acervos digitais oficiais, como o *Van Gogh Museum* (Amsterdã), *Musée d'Orsay* (Paris) e *National Gallery* (Londres), respeitando os critérios de autenticidade, resolução adequada e identificação técnica. Simultaneamente, realizou-se uma revisão narrativa da literatura nas bases de dados PubMed, Scopus, SciELO e Google Scholar, utilizando os descritores em inglês: “Van Gogh”, “*xanthopsia*”, “*digoxin*”, “*yellow vision*” e “*visual perception in art*”. Os critérios de inclusão abrangeram publicações científicas, artigos de revisão, livros especializados e ensaios históricos publicados entre 2000 e 2025, além de fontes clássicas relevantes sobre a vida e obra do artista (GRUENER, 2013; HONAVAR; SEN, 2022; ZULFIKAR, 2023). Entre as limitações da presente análise, destaca-se a inexistência de prontuários médicos oficiais sobre o estado visual ou terapêutica de Van Gogh, bem como a subjetividade intrínseca à interpretação retrospectiva de obras de arte. Ainda assim, a triangulação entre fontes artísticas, médicas e historiográficas possibilita inferências plausíveis sobre a influência da xantopsia em sua expressão pictórica (PEREIRA *et al.*, 2021; ZULFIKAR, 2023). **RESULTADOS:** Para observar os impactos visuais da catarata na obra de Claude Monet, selecionaram-se

duas composições que retratam o mesmo local (o jardim de Giverny) em momentos distintos de sua vida artística. Essa comparação direta permite evidenciar transformações provocadas pela deterioração da acuidade visual. A **Figura 1.1** apresenta *The Artist's Garden at Giverny* (1900), óleo sobre tela de 92 × 73 cm, pertencente ao acervo do *Musée d'Orsay*, em Paris. Trata-se de uma obra anterior à progressão da catarata. Nela, observam-se nitidez nos contornos, equilíbrio cromático e definição das formas botânicas. Os verdes são vibrantes, e os caminhos floridos estão claramente delimitados, revelando controle preciso da percepção visual.

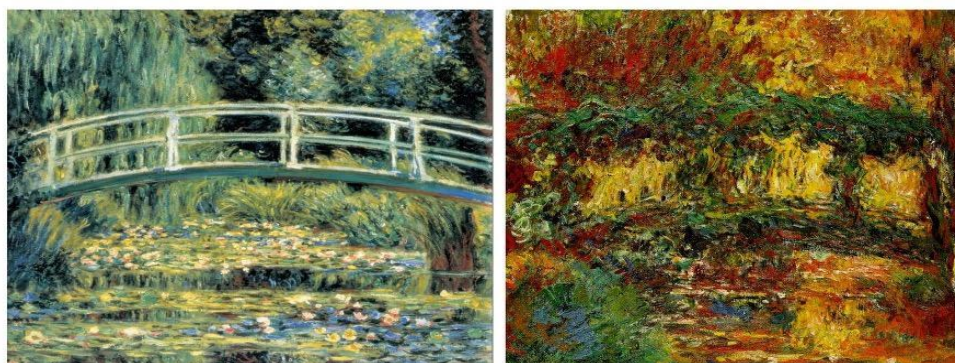
Figura 1.1 *The Artist's Garden at Giverny*, 1900. Óleo sobre tela. Musée d'Orsay, Paris



Fonte: Musée d'Orsay. Disponível em: <https://www.marmottan.fr/claude-monet/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

A **Figura 1.2** mostra *The Japanese Bridge* (1923–1925), óleo sobre tela de 73 × 92 cm, exposta no *Musée Marmottan Monet*, também em Paris. A obra foi criada em um período de catarata avançada. Nela, a estrutura da ponte encontra-se praticamente diluída no ambiente. As pinceladas tornam-se espessas e gestuais, com predominância de tons alaranjados e avermelhados, características condizentes com alterações na percepção cromática.

Figura 1.2 *The Japanese Bridge*, 1923–1925. Óleo sobre tela. Musée Marmottan Monet, Paris



Fonte: Musée Marmottan Monet. Disponível em: <https://www.marmottan.fr/claude-monet/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

As diferenças entre essas obras são compatíveis com os efeitos clínicos da catarata nuclear, tais como redução da acuidade visual, perda de contraste e deslocamento da percepção cromática, com prejuízo especialmente para os tons azulados (HELOU, 2023). A opacificação progressiva do cristalino contribuiu para a dissolução dos contornos e o predomínio de uma linguagem pictórica mais fluida, emocional e abstrata. Além do impacto fisiológico, identifica-se uma dimensão simbólica marcante. A ausência de figuras humanas, o uso predominante de reflexos aquáticos e a preferência por temas introspectivos sugerem uma transformação sensível na forma de olhar e representar o mundo. A reclusão ao jardim de Giverny pode ser interpretada como metáfora visual do isolamento provocado pela perda sensorial. **DISCUSSÃO:** Este capítulo teve como objetivo analisar a influência da catarata na produção artística de Claude Monet, sob uma perspectiva que integra arte, oftalmologia e educação médica humanizada. A análise iconográfica permitiu compreender a pintura não apenas como expressão estética, mas também como reflexo subjetivo da experiência visual alterada. Os resultados revelam uma transição evidente entre as fases pré e pós-atarata. A perda de nitidez, o predomínio de cores quentes e a diluição dos contornos indicam modificações técnicas involuntárias, que acabaram por se tornar marcas estilísticas da fase tardia do artista. Essas observações estão de acordo com estudos que apontam alterações na percepção visual como possíveis influenciadoras da linguagem estética (TAYLOR, 2022; HELOU, 2023). Do ponto de vista oftalmológico, a catarata compromete a transparência do cristalino, provocando visão turva, alteração da percepção de contraste e mudanças na sensibilidade às cores (HELOU, 2023). Esses efeitos visuais são compatíveis com a estética difusa, quente e simbólica observada nas obras tardias de Monet. A associação entre achados visuais e manifestações artísticas permite, assim, a construção de hipóteses interpretativas que valorizam a interdisciplinaridade. No contexto da formação médica, análises como esta podem contribuir para a ampliação do olhar clínico. A leitura sensível da produção artística estimula o reconhecimento da dor e da limitação não apenas em seus aspectos biológicos, mas também simbólicos e emocionais. Obras de arte impactadas por deficiências sensoriais (como nos casos de Monet, Degas ou O’Keeffe) oferecem recursos pedagógicos valiosos para a humanização do cuidado e para o ensino da fisiologia visual. Entre as limitações deste estudo, destaca-se a ausência de registros oftalmológicos oficiais do artista, o que impede uma confirmação diagnóstica objetiva. Além disso, a subjetividade inerente à análise iconográfica retrospectiva exige cautela na interpretação, evitando inferências deterministas. Ainda assim, a triangulação entre fontes médicas, artísticas e historiográficas permite estabelecer relações plausíveis entre percepção visual e estilo pictórico. **CONCLUSÃO:** A análise iconográfica das obras de Claude Monet evidencia uma conexão profunda entre declínio visual e transformação artística. As alterações causadas pela catarata não apenas limitaram sua percepção óptica, mas impulsionaram uma nova estética baseada na fluidez, na cor e na abstração sensível. Ao integrar conhecimentos da medicina, da história da arte e da neurovisão, este capítulo contribui para uma abordagem original e humanizada da oftalmologia. Revela-se, assim, que mesmo diante da perda visual progressiva, a expressão artística pode permanecer viva, pulsante e inovadora. Monet ressignificou sua limitação sensorial como uma nova linguagem visual (mais subjetiva, imprecisa e simbólica), que ampliou

os horizontes do impressionismo e revelou a potência criativa que pode emergir da vulnerabilidade. Sua trajetória convida profissionais da saúde a reconhecerem a dimensão estética e emocional das doenças, e a enxergarem, para além do sintoma, a história e a sensibilidade de quem sofre.

REFERÊNCIAS

1. EFRIQUI, A. MONET, C. A vida e a obra. São Paulo: Senac, 2024.
2. HELOU, S. A visão turva e sua representação nas artes: a catarata de Monet. *Jornal de Oftalmologia*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 152–160, 2023.
3. MONET, C. Le Pont Japonais. Óleo sobre tela, 81 × 105 cm. Musée d’Orsay, Paris, 1899.
4. MONET, C. Monet’s Water Lilies. Nova York: The Museum of Modern Art, 2022.
5. MONET, C. Mulher com Sombrinha – Madame Monet e seu Filho, 1875. Óleo sobre tela, 100 × 81 cm. National Gallery of Art, WASHINGTON, D. C., 1875.
6. MONET, C. The Artist’s Garden at Giverny. Óleo sobre tela, 92 × 73 cm. Musée d’Orsay, Paris, 1900.
7. MONET, C. The Japanese Bridge. Óleo sobre tela, 73 × 92 cm. Musée Marmottan Monet, Paris, 1923–1925.
8. MONET, C. The Path under the Rose Arches. Óleo sobre tela, 81 × 92 cm. Kunsthaus Zürich, Suíça, 1920–1922.
9. SPENCER, T. Impressionismo: arte e percepção visual. Paris: Musée d’Orsay, 2021.
10. TAYLOR, J. A visão de Claude Monet: a catarata e sua arte. *Oftalmologia e Arte*, Paris, v. 45, n. 4, p. 125–133, 2022.

CAPÍTULO 2

O AMARELO VAN GOGH

Entre crises, digoxina e a lente dourada da xantopsia.

Anna Luisa Gonçalves Aguiar¹

Mariana Gonçalves de Araújo²

¹Acadêmica de Medicina pela Faculdade ZARNS Itumbiara (2020–2025).

²Docente do Curso de Medicina da Faculdade ZARNS Itumbiara.

Palavras-chave: Medicina nas Artes; Visão de Cores; Digoxina; Crise de Identidade.

RESUMO

INTRODUÇÃO: Vincent van Gogh é um dos mais reconhecidos artistas do pós-impressionismo. Sua obra, marcada por tons vibrantes de amarelo e expressiva força emocional, levanta a hipótese de que alterações visuais influenciaram sua estética. A xantopsia, distúrbio visual que causa coloração amarelada na percepção, possivelmente induzido por digoxina ou absinto, pode ter contribuído para seu estilo singular. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo, histórico-visual e descritivo-analítico. A investigação incluiu análise iconográfica de obras de Van Gogh entre 2013 e 2025, curadoria de imagens de museus internacionais e revisão narrativa da literatura científica. A ênfase foi dada à percepção cromática alterada e à possível influência farmacológica ou neurosensorial. **RESULTADOS:** Obras como *Girassóis*, *The Bedroom*, *The Night Café* e *Wheatfield with Crows* apresentaram forte predominância de amarelos, halos luminosos e distorções cromáticas. Esses elementos sugerem uma percepção visual modificada, compatível com a xantopsia, além de carga simbólica ligada ao sofrimento psíquico. **CONCLUSÃO:** A relação entre percepção visual e criação artística em Van Gogh destaca a importância da neurovisão na arte. O estudo valoriza a interdisciplinaridade entre medicina e humanidades, e propõe uma leitura sensível da experiência visual como instrumento expressivo e diagnóstico.

INTRODUÇÃO: Vincent van Gogh (1853–1890) é frequentemente lembrado tanto por seu talento visionário quanto por sua trajetória marcada por sofrimento psíquico. Com um estilo único, caracterizado por cores intensas, pinceladas expressivas e forte carga emocional, sua obra transcendeu os limites do impressionismo e antecipou elementos do expressionismo (HONAVAR; SEN, 2022). A fusão entre arte e medicina, neste capítulo, surge da hipótese de que alterações visuais podem ter influenciado diretamente sua paleta cromática, especialmente o uso recorrente do amarelo. Diversos estudos sugerem que a presença de xantopsia, distúrbio visual que causa a percepção amarelada do campo visual, pode estar associada ao uso de digoxina ou à exposição a substâncias com ação farmacológica semelhante, como o absinto (GRUENER, 2013; ZULFIKAR, 2023). Essa conexão simbólica entre o “amarelo vívido” e um possível sintoma ocular oferece uma perspectiva singular para reavaliar a produção artística do pintor à luz da fisiologia visual alterada. Do ponto de vista médico, a xantopsia é um sintoma oftalmológico relativamente raro, mas pode ter impacto significativo na percepção cromática, sobretudo em indivíduos sensíveis à cor, como os artistas (PEREIRA *et al.*, 2021). A digoxina, substância de uso cardiológico e neurológico, é conhecida por causar alterações visuais em doses tóxicas, incluindo distorções de cor, halos e a intensificação de tons amarelos (ZULFIKAR, 2023). Ao explorar a interface entre farmacologia, neurologia e arte, este capítulo propõe uma abordagem interdisciplinar sobre como sintomas clínicos podem influenciar e até mesmo transformar a linguagem pictórica. O objetivo central deste capítulo é investigar de que maneira a percepção alterada das cores, possivelmente induzida por fármacos ou disfunções neurológicas, influenciou o estilo pictórico de Van Gogh, com foco particular em sua obsessão pelo amarelo e nas possíveis correlações clínicas com a xantopsia (GRUENER, 2013; HONAVAR; SEN, 2022). **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo, com abordagem histórico-visual e caráter descritivo-analítico, estruturado em quatro fases metodológicas interdependentes. Em um primeiro momento, procedeu-se à delimitação do objeto de estudo e do recorte temporal, elegendo-se a obra do artista Vincent van Gogh como foco central da investigação. A seleção concentrou-se nas produções realizadas entre 2013 e 2025, período em que há indícios documentais e estilísticos de comprometimento visual progressivo possivelmente associado ao uso de medicamentos como a digoxina e à ocorrência de episódios psicopatológicos. Na etapa subsequente, foi realizada a coleta e curadoria das imagens destinadas à análise iconográfica. As obras foram obtidas por meio de acervos digitais de museus reconhecidos, como o *Van Gogh Museum* (Amsterdã), o *Musée d'Orsay* (Paris) e o *Metropolitan Museum of Art* (Nova York), além de bancos de imagens acadêmicos e fontes bibliográficas especializadas, incluindo livros e catálogos oficiais digitalizados, como “*Van Gogh: The Complete Paintings*” (INGO; WALTHER) e o “*Van Gogh and the Colors of the Night*” (MUSEUM OF MODERN ART, MoMA). Em um terceiro momento, desenvolveu-se uma revisão narrativa da literatura científica. A busca bibliográfica foi realizada entre janeiro de 2015 e abril de 2025, por meio das bases PubMed, Scopus, Web of Science e SciELO, utilizando os descritores (MeSH/DeCS) “*xanthopsia*”, “*digoxin toxicity*”, “*Van Gogh*”, “*visual perception disorders*”, “*neuropsychiatric symptoms*”, combinados pelos operadores booleanos AND e OR, conforme a estratégia: (“*xanthopsia*” OR “*yellow vision*”) AND (“*digoxin*” OR “*digitalis*”) AND (“*Van Gogh*” OR “*post-impressionism*”) AND (“*visual symptoms*” OR “*neurological effects*”). Foram incluídos artigos publicados entre 1980 e 2025, além de estudos anteriores considerados clássicos por sua relevância histórica ou pioneirismo. Por fim, realizou-se a análise iconográfica, com foco em aspectos como alterações cromáticas atípicas (predominância de tons amarelos intensos e

halos luminosos ao redor de fontes de luz), perda de definição central, distorções nas proporções e mudanças na temática e estilo composicional. A interpretação crítica baseou-se na triangulação entre evidências científicas atuais sobre xantopsia induzida por digoxina, registros históricos sobre o estado clínico de Van Gogh (como suas cartas ao irmão Theo) e a observação estética das obras analisadas. Entre as limitações, destaca-se a ausência de laudos oftalmológicos oficiais contemporâneos ao artista, a escassez de documentação farmacológica precisa e a subjetividade da análise retrospectiva. Ainda assim, a abordagem adotada permite inferências plausíveis sobre a relação entre o declínio visual, possivelmente agravado pelo uso de digitálicos, e a transformação estilística e cromática observada nas fases finais da obra de Van Gogh. **RESULTADOS:** A análise iconográfica da obra de Vincent van Gogh revelou indícios compatíveis com alterações perceptivas relacionadas à xantopsia, condição que afeta a percepção das cores e pode provocar uma predominância do amarelo no campo visual. Diversas obras foram selecionadas por apresentarem características cromáticas e compositivas marcantes que sustentam essa hipótese. A primeira obra analisada foi Girassóis (SUNFLOWERS, 1888), uma das séries mais célebres de Van Gogh, produzida com tinta a óleo sobre tela em Arles, França. Uma das versões mais conhecidas encontra-se atualmente no *Van Gogh Museum*, em Amsterdã. A pintura é dominada por tons quentes e intensos de amarelo, que ocupam não apenas as flores, mas também o fundo e os contornos do vaso. A saturação uniforme de tonalidades amareladas e a ausência de contrastes frios sugerem um olhar modificado pela condição de xantopsia, possivelmente agravada pelo uso de digitalina ou pela ingestão de absinto, conforme discutido na literatura clínica (ZULFIKAR, 2023) (**Figura 2.1**).

Figura 2.1 GIRASSÓIS, 1888. Óleo sobre tela. Van Gogh Museum, Amsterdã



Fonte: Van Gogh Museum. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Doze_Girassóis_numa_Jarra.

A segunda obra observada foi O Quarto (*The Bedroom*, 1888), também pintada em Arles e atualmente exposta no *Art Institute of Chicago*. Nesta composição, Van Gogh emprega tons de amarelo e laranja para representar não apenas o mobiliário, mas também as paredes e o piso. A perspectiva distorcida, a ausência de sombras realistas e o uso quase monocromático reforçam a hipótese de que sua percepção visual estava alterada. A cor amarelada, nesse contexto, não parece apenas uma escolha estética deliberada, mas pode refletir uma percepção ocular patológica do ambiente (GRUENER, 2013; HONAVAR; SEN, 2022) (**Figura 2.2**).

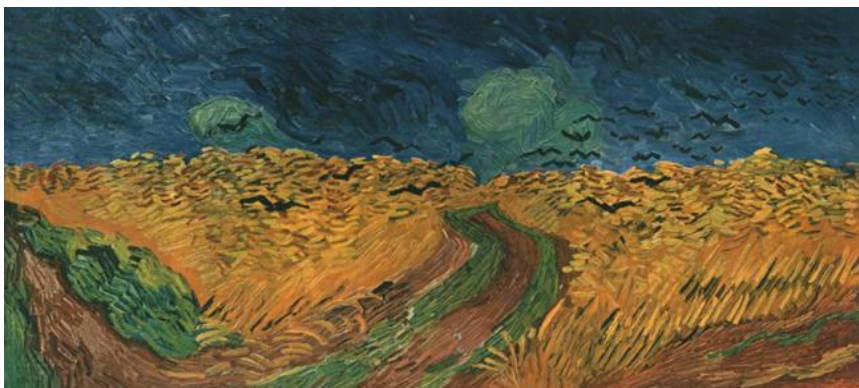
Figura 2.2 O Quarto (1888). Óleo sobre tela. *Art Institute of Chicago*



Fonte: Art Institute of Chicago. Disponível em: <https://www.artic.edu/artworks/28560/the-bedroom>.

Em seguida, a obra *Café à Noite* (*The Night Café*, 1888), localizada na *Yale University Art Gallery*, oferece uma cena noturna marcada por cores quentes, com forte presença de vermelho e amarelo. O interior do café é banhado por uma luz artificial representada por halos intensamente amarelados em torno das lâmpadas. Estudos sugerem que esse efeito pode estar ligado a distúrbios na retina ou ao uso de substâncias que alteram a percepção luminosa, como a tujona do absinto (ZULFIKAR, 2023). O próprio Van Gogh descreveu essa obra como uma tentativa de expressar o “pavor silencioso da solidão”, evidenciando uma intenção simbólica que se alinha ao sofrimento psíquico e ao uso subjetivo da cor (**Figura 2.3**).

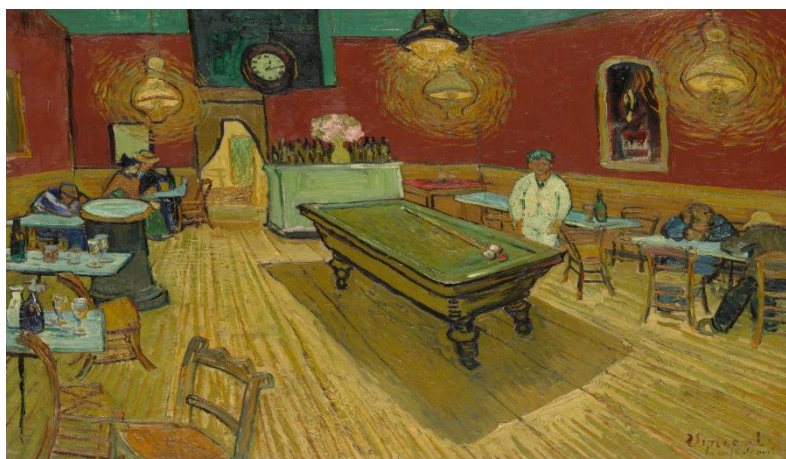
Figura 2.3 Café à Noite (1888). Óleo sobre tela. Yale University Art Gallery



Fonte: Yale University Art Gallery. Disponível em: <https://artgallery.yale.edu/collections/objects/12507>

Por fim, destaca-se *Campo de Trigo com Corvos* (*Wheatfield with Crows*, 1890), considerada por muitos como sua obra final, hoje pertencente ao *Van Gogh Museum*. A cena apresenta um céu azul profundo contrastando com um campo de trigo dourado. Embora o amarelo seja natural ao tema, sua intensidade e predominância continuam a sugerir uma percepção visual alterada. Os corvos e o caminho que se perde no horizonte adicionam um elemento simbólico de angústia, interpretado por muitos como um prenúncio de sua morte. A carga subjetiva da obra reforça a leitura de que cor e forma, em Van Gogh, são profundamente atravessadas por estados sensoriais e emocionais.

Figura 2.4 Campo de Trigo com Corvos (1890). Óleo sobre tela. Van Gogh Museum, Amsterdã



Fonte: Van Gogh Museum. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Campo_de_Trigo_com_Corvos.

Em conjunto, as obras analisadas demonstram um uso contínuo e predominante de tons amarelados, halos luminosos e distorções perceptivas que podem ser compatíveis com a xantopsia. Esses elementos não apenas indicam uma possível condição ocular, mas também apontam para uma profunda integração entre percepção visual alterada e expressão simbólica. A análise iconográfica, portanto, contribui para compreender como

a fisiologia do olhar influenciou, e talvez moldou, a linguagem estética singular de Van Gogh. **DISCUSSÃO:** Este capítulo teve como objetivo analisar a produção pictórica de Vincent van Gogh à luz da possível presença de xantopsia, buscando compreender como alterações na percepção visual podem ter influenciado suas escolhas cromáticas e composições. A proposta insere-se em um contexto interdisciplinar que une arte, oftalmologia e história da medicina, oferecendo uma contribuição relevante para o entendimento do impacto sensorial nas práticas artísticas e para a valorização da percepção como instrumento clínico e expressivo. Os principais achados da análise iconográfica apontam para um uso recorrente e predominante de tonalidades amareladas, distorções cromáticas e halos luminosos em diversas obras de Van Gogh, notadamente nas séries Girassóis, O Quarto, Café à Noite e Campo de Trigo com Corvos. A intensidade dessas características, combinada ao registro histórico do consumo de absinto e à possibilidade do uso de digoxina, reforça a hipótese da presença de xantopsia, uma condição conhecida por provocar visão amarelada e alterações na percepção luminosa (ZULFIKAR, 2023; GRUENER, 2013). Esse quadro se alinha à literatura científica, como observado em Honavar e Sen (2022), que destacam a importância de avaliar condições oculares em grandes artistas, considerando que o olhar é, simultaneamente, instrumento de observação e de expressão. Estudos como os de Gruener, 2013 & Zilfekar, 2023, propõem que a alteração cromática nas obras de Van Gogh não se explica apenas por intenções estilísticas, mas também pode refletir disfunções visuais induzidas por fatores farmacológicos ou metabólicos. Nesse sentido, a arte se torna não apenas objeto de contemplação, mas também uma possível fonte diagnóstica retrospectiva. Do ponto de vista pedagógico e médico, essa análise oferece uma contribuição importante para o ensino da medicina humanizada. Estudar a percepção visual de um artista do porte de Van Gogh estimula a atenção clínica à sensorialidade, à história subjetiva e aos efeitos do sofrimento mental e físico sobre a expressão. Tal abordagem pode ser especialmente útil em disciplinas como neuro-oftalmologia, medicina narrativa e bioética, contribuindo para o desenvolvimento de um olhar clínico mais empático e estético. Entretanto, a análise retrospectiva apresenta riscos inerentes. A ausência de registros médicos formais, diagnósticos confirmatórios ou relatos clínicos objetivos limita a capacidade de estabelecer relações causais diretas entre patologia ocular e estilo artístico. Há o risco de cometer anacronismos ou reduzir a complexidade da obra a interpretações exclusivamente médicas. Ainda assim, quando realizada com criticidade, essa abordagem permite enriquecer a leitura das obras e fomentar a interdisciplinaridade (HONAVAR; SEN, 2022). Para profissionais da saúde, especialmente aqueles envolvidos no cuidado visual e na saúde mental, recomenda-se considerar o impacto das alterações sensoriais na vivência subjetiva do paciente. Assim como em Van Gogh, distúrbios visuais podem modificar não apenas a percepção do mundo externo, mas também a forma como o sujeito se comunica com esse mundo. Integrar esse entendimento ao raciocínio clínico pode favorecer abordagens terapêuticas mais humanas e integrativas. Entre as limitações deste estudo, destaca-se a subjetividade inerente à análise iconográfica e a escassez de documentos médicos diretos sobre a condição de Van Gogh. Futuras pesquisas podem se beneficiar do uso de modelos digitais para simular condições visuais como a xantopsia, ampliando a precisão das interpretações. Além disso, comparações com outros artistas contempo-

râneos, afetados por condições similares, podem oferecer um referencial estético e clínico mais robusto. **CONCLUSÃO:** A análise da produção artística de Vincent van Gogh à luz da hipótese de xantopsia permitiu uma leitura enriquecedora de suas obras sob a perspectiva da oftalmologia e da percepção visual. A predominância de tons amarelados, distorções luminosas e composições cromaticamente intensas, identificadas em pinturas icônicas como *Girassóis*, *O Quarto*, *Café à Noite* e *Campo de Trigo com Corvos*, sustenta a possibilidade de que alterações sensoriais tenham influenciado significativamente sua linguagem estética. Embora não se possa afirmar com certeza que Van Gogh tenha apresentado xantopsia induzida por digoxina ou pela ingestão de absinto, a triangulação entre dados históricos, clínicos e iconográficos permite levantar hipóteses plausíveis sobre a relação entre condição ocular e criação artística. Nesse sentido, a obra do pintor não apenas expressa uma sensibilidade única, mas também oferece subsídios para reflexões clínicas, pedagógicas e humanísticas. A relevância deste estudo reside justamente na proposta de integrar arte e medicina como campos complementares de investigação. Reconhecer que a percepção visual pode ser, ao mesmo tempo, sintoma, instrumento e expressão, amplia as possibilidades de uma medicina mais sensível às experiências subjetivas. Além disso, destaca a importância do olhar estético no desenvolvimento da empatia clínica e da abordagem integral do paciente. Recomenda-se que futuras investigações ampliem a análise para outros artistas acometidos por doenças visuais, assim como o uso de tecnologias de simulação óptica para reconstruções retrospectivas mais precisas. O diálogo entre a história da arte e a medicina permanece, portanto, um território fértil para o avanço do conhecimento, tanto no campo da saúde quanto no da cultura.

REFERÊNCIAS

1. GRUENER, A. Vincent van Gogh's yellow vision. *The British Journal of General Practice*, London, v. 63, n. 612, p. 370-371, 2013. DOI: <https://doi.org/10.3399/bjgp13X669266>.
2. HONAVAR, S.; SEN, M. The Eye in the Artist. *Indian Journal of Ophthalmology*, [S.l.], v. 70, p. 3182-3187, 2022. DOI: https://doi.org/10.4103/ijo.IJO_1921_22.
3. PEREIRA, A. *et al.* Xanthophylls from the Sea: Algae as Source of Bioactive Carotenoids. *Marine Drugs*, Basel, v. 19, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/md19040188>.
4. ZHANG, J. *et al.* Matrix-producing cells formed 'Van Gogh bundles' facilitate *Bacillus subtilis* biofilm self-healing. *Environmental Microbiology Reports*, [S.l.], 2022. DOI: <https://doi.org/10.1111/17582229.13099>.
5. ZULFIKAR, S. They were all yellow: The intriguing story of Vincent van Gogh and Digoxin. *Heart Failure Journal of India*, [S.l.], 2023. DOI: https://doi.org/10.4103/hfji.hfji_8_23.

CAPÍTULO 3

O OLHAR DE DA VINCI

O traço anatômico que desvendou a alma dos olhos.

Gabriela Peixoto Carvalho¹
Debora Vieira²

¹Acadêmica de Medicina pela Faculdade ZARNS Itumbiara (2020–2025).

²Docente do Curso de Medicina da Faculdade ZARNS Itumbiara.

Palavras-chave: Anatomia; Medicina nas Artes; Ciência nas Artes.

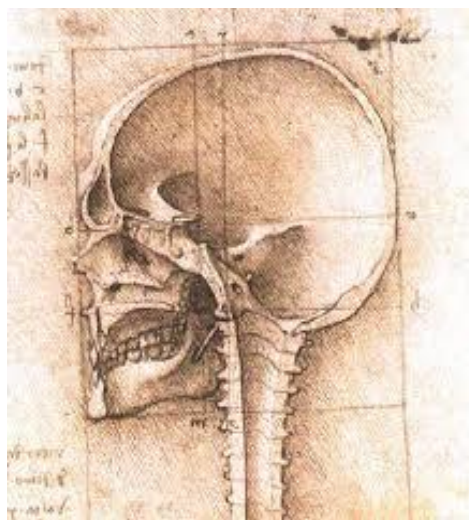
RESUMO

INTRODUÇÃO: Leonardo da Vinci (1452–1519) é reconhecido por sua genialidade interdisciplinar, especialmente na produção anatômica, que alia arte e ciência com notável precisão. Este estudo buscou compreender possíveis alterações em sua acuidade visual e seu impacto na representação anatômica. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo, com abordagem histórico-visual e caráter descritivo-analítico, que analisou obras produzidas entre 1489 e 1513. A coleta de imagens foi realizada em acervos digitais de museus renomados, complementada por uma revisão narrativa da literatura científica nas principais bases de dados. **RESULTADOS:** A análise revelou uma evolução técnica e perceptiva ao longo do tempo. Obras iniciais, como o Estudo do crânio humano (1490–1495), apresentam precisão e nitidez, enquanto trabalhos tardios, como São João Batista (1513–1516), mostram contornos suavizados e simbolismo mais acentuado, possivelmente relacionados a alterações visuais progressivas. Estudos do olho e nervo óptico indicam uma reflexão sobre a visão e suas limitações. **CONCLUSÃO:** A intersecção entre arte e oftalmologia enriquece a compreensão da prática artística e científica de Leonardo da Vinci, ressaltando a importância da percepção visual na educação médica humanizada. Ver com os olhos da alma é, também, uma forma de cura.

INTRODUÇÃO: Leonardo da Vinci (1452–1519) é amplamente reconhecido como um dos maiores expoentes do Renascimento, cuja genialidade se manifestou em múltiplas áreas do conhecimento, como pintura, escultura, engenharia, anatomia e ciência natural. Sua produção artística não apenas revolucionou os paradigmas estéticos da época, como também revelou um olhar investigativo profundamente comprometido com a compreensão do corpo humano. Entre seus cadernos de esboços, destacam-se estudos anatômicos de notável precisão técnica e observacional, como os desenhos musculares, cardiovasculares e odontológicos, que anteciparam conhecimentos científicos formais de séculos posteriores (KEMP, 2023; KESHELAVA, 2022; SCHUEZ; ALT, 2021). A proposta de integrar arte e oftalmologia parte do reconhecimento de que a visão não é apenas um sentido essencial para a produção artística, mas também uma chave para compreender os processos perceptivos envolvidos na criação. Investigar a possibilidade de alterações visuais em Leonardo da Vinci permite lançar luz sobre aspectos pouco explorados de sua trajetória, como a influência das condições visuais na precisão anatômica e no simbolismo de suas obras tardias (ALVES, 2021). Nesse contexto, a análise iconográfica sob a perspectiva da saúde ocular contribui para um diálogo fecundo entre as ciências médicas e as humanidades, conforme destaca Liu (2025) ao evidenciar que a interseção entre arte e ciência no Renascimento era inseparável da experiência sensorial do artista. Do ponto de vista médico, este estudo reforça a importância de considerar a dimensão sensorial, sobretudo a visual, na prática artística e científica, especialmente em um tempo anterior à sistematização da oftalmologia. Sob uma ótica humanística, examinar o “olhar anatômico” de Leonardo da Vinci permite valorizar a intersecção entre corpo, percepção e criação, um tema central nas discussões contemporâneas sobre medicina narrativa e educação médica sensível à história da arte (ALVES, 2021; LIU, 2025). Este capítulo tem como objetivo analisar a produção anatômica de Leonardo da Vinci à luz de possíveis alterações em sua acuidade visual, propondo uma reflexão crítica sobre como condições oculares podem influenciar a observação científica e a representação artística. A partir dessa análise, busca-se ampliar o entendimento das conexões entre neurovisão, estética e prática médica, valorizando a interdisciplinaridade como instrumento de investigação histórica e clínica. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter descritivo-analítico e abordagem interdisciplinar, que integra fundamentos das áreas de história da arte, anatomia, neurociência e oftalmologia. A investigação foi conduzida em duas etapas complementares: análise iconográfica de obras anatômicas de Leonardo da Vinci e revisão narrativa da literatura científica e historiográfica. A análise iconográfica concentrou-se em desenhos anatômicos produzidos por Da Vinci entre os anos de 1489 e 1516, com ênfase nas representações da anatomia ocular, dos nervos ópticos e dos músculos extraoculares. As imagens foram obtidas em acervos digitais oficiais, como o *Royal Collection Trust* (Reino Unido), Biblioteca Ambrosiana (Milão) e *British Museum* (Londres), respeitando os critérios de autenticidade, resolução adequada e identificação técnica. Simultaneamente, realizou-se uma revisão narrativa da literatura nas bases de dados *PubMed*, *Scopus*, *SciELO* e *Google Scholar*, utilizando os descritores em inglês: “Leonardo da Vinci”, “ocular anatomy”, “presbyopia”, “binocular vision” e “Renaissance anatomical drawings”. Os critérios de inclusão abrangeram publicações científicas, artigos de revisão, livros especializados e textos historiográficos

publicados entre 2000 e 2025, além de fontes clássicas relevantes sobre a trajetória artística e científica de Da Vinci (KEMP, 2011; SOLARI; RAVELLI, 2012; CHOULANT, 2021). Entre as limitações da presente análise, destaca-se a ausência de documentação médica oficial sobre as condições visuais de Leonardo da Vinci, bem como a subjetividade inerente à interpretação retrospectiva de desenhos técnicos com possível função pedagógica ou simbólica. Ainda assim, a triangulação entre fontes artísticas, médicas e históricas permite inferências plausíveis sobre a relação entre visão e detalhamento anatômico na obra do artista renascentista. **RESULTADOS:** A análise iconográfica das obras de Leonardo da Vinci revela uma evolução técnica e perceptiva que pode estar relacionada a mudanças em sua acuidade visual ao longo do tempo. A primeira obra examinada foi Estudo do crânio humano em corte transversal, realizada entre 1490 e 1495, utilizando técnica de ponta metálica, tinta e giz sobre papel. Atualmente conservada na *Royal Collection Trust*, no Reino Unido, esta peça apresenta cortes anatômicos precisos, evidenciando domínio tridimensional e rigor técnico. A simetria das estruturas e a nitidez dos traços sugerem que, nesse período inicial, Leonardo mantinha plena capacidade visual. No entanto, pequenas rigidezes nos contornos periféricos indicam a possibilidade de alterações iniciais na acomodação ocular ou simplesmente uma tentativa artística de representar profundidade (**Figura 3.1**).

Figura 3.1 Estudo do crânio humano em corte transversal (c. 1490–1495) Giz e tinta sobre papel. Acervo: Royal Collection Trust, Reino Unido



Fonte: DA VINCI, Leonardo. *Codex Atlanticus*. Milão: Biblioteca Ambrosiana. Disponível em: <https://www.leonardodigitale.com>.

A segunda obra, Dissecção do braço com estudo muscular e vascular, datada de 1510 a 1512 e preservada na Biblioteca Real de Windsor, apresenta uma abordagem mais esquemática em comparação aos estudos anteriores. Realizada com pena e tinta marrom, a ilustração mantém a coerência anatômica, mas revela uma leve perda na definição de estruturas finas, como nervos e vasos de pequeno calibre. Essa mudança pode ser interpretada como um indicativo de presbiopia ou início de catarata, condições compatíveis

com a idade avançada do artista à época (em torno de 60 anos), conforme discutido por Kemp (2023) (**Figura 3.2**).

Figura 3.2 Dissecação do braço com estudo muscular e vascular (c. 1510–1512). Pena e tinta marrom. Acervo: Biblioteca Real de Windsor, Reino Unido



Fonte: DA VINCI, Leonardo. *Codex Atlanticus*. Milão: Biblioteca Ambrosiana. Disponível em: <https://www.leonardodigitale.com>.

Na pintura São João Batista, produzida entre 1513 e 1516 com técnica de óleo sobre madeira e atualmente em exibição no Museu do Louvre, percebe-se uma transformação significativa no estilo. A representação do corpo humano é menos anatômica e mais simbólica: contornos suavizados, iluminação difusa e um brilho etéreo envolvem a **Figura 3.3**. Estudos recentes, como o de KESHELAVA (2022), sugerem que há estruturas cardiovasculares ocultas na disposição das mãos e no jogo de sombras, o que reforça uma leitura simbólica com base no conhecimento anatômico de Leonardo. A suavização das formas e o uso de luminosidade menos contrastada podem estar relacionados a uma possível perda de nitidez central, como em casos de catarata nuclear ou degeneração macular incipiente, afetando sua percepção visual e, por consequência, sua representação pictórica.

Figura 3.3 São João Batista (c. 1513–1516). Óleo sobre madeira. Acervo: Museu do Louvre, Paris, França



Fonte: Leonardo da Vinci. Disponível em: <https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010062374>.

Por fim, os Estudos do olho humano e do nervo óptico, realizados entre 1508 e 1510 e guardados na Biblioteca Ambrosiana, em Milão, oferecem um ponto de convergência entre arte, ciência e introspecção visual. Desenhados com giz e tinta, os estudos revelam um detalhamento neuroanatômico impressionante. Nesse período, Leonardo investigava intensamente a fisiologia da visão, referindo-se ao olho como “a janela da alma”. Segundo LIU (2025) e ALVES (2021), esse foco pode não ter sido apenas científico, mas também motivado por reflexões sobre sua própria visão em declínio. A profundidade desses registros sugere uma percepção visual ainda funcional, mas marcada por crescente consciência dos limites sensoriais do próprio corpo (**Figura 3.4**).

Figura 3.4 Estudos do olho humano e do nervo óptico (c. 1508–1510) Giz e tinta. Acervo: Biblioteca Ambrosiana, Milão, Itália.



Fonte: DA VINCI, Leonardo. *Codex Atlanticus*. Milão: Biblioteca Ambrosiana. Disponível em: <https://www.leonardodigitale.com>.

No conjunto das obras analisadas, observam-se indícios compatíveis com alterações progressivas na visão de Leonardo, refletidas na transição de um estilo técnico e minucioso para uma representação mais simbólica e difusa. Tal evolução pode ser interpretada como resultado tanto de um processo fisiológico, envelhecimento ocular, quanto de uma escolha estética informada por sua sensibilidade artística e conhecimento anatômico. **DISCUSSÃO:** Este capítulo teve como objetivo investigar a produção anatômica de Leonardo da Vinci à luz de possíveis alterações em sua acuidade visual, propondo uma leitura interdisciplinar que combina arte, história da medicina e oftalmologia. A importância da abordagem reside na valorização da percepção sensorial como elemento fundamental tanto na criação artística quanto na observação científica. Ao analisar a trajetória visual de Leonardo, reforça-se a ideia de que a fisiologia do olhar influencia não apenas o modo como o artista vê o mundo, mas também como ele o representa e interpreta (ALVES, 2021). Os principais achados deste estudo indicam uma mudança gradual na forma de representação anatômica de Leonardo ao longo do tempo. As primeiras obras, como os estudos cranianos e musculares, demonstram um impressionante nível

de precisão, provavelmente associado à plena capacidade visual. Em contraste, trabalhos mais tardios, como *São João Batista*, revelam traços suavizados, menor definição e maior carga simbólica, elementos possivelmente associados ao envelhecimento ocular, como presbiopia ou início de catarata. O estudo dos olhos e do nervo óptico, situado em um ponto intermediário da produção, sugere não apenas interesse anatômico, mas também introspecção sensorial, o que pode refletir uma percepção crescente das limitações visuais do próprio artista (LIU, 2025). Esses achados dialogam diretamente com a literatura científica e artística. LIU (2025) ressalta que a interconexão entre arte e ciência no Renascimento dependia essencialmente da observação visual apurada e do valor atribuído à experiência sensorial como fonte de conhecimento empírico. KEMP (2023), por sua vez, destaca que os estudos musculares de Leonardo vão além da anatomia descritiva, antecipando conceitos modernos de biomecânica e biologia matemática, que exigiam percepção visual refinada para captar padrões funcionais e geométricos do movimento. Já KESHELAVA (2022), ao analisar simbolismos anatômicos ocultos em *São João Batista*, propõe que a inserção de formas semelhantes a estruturas cardiovasculares nas mãos da figura demonstra que Leonardo manteve sua consciência anatômica ativa, mesmo com possíveis restrições visuais. SCHUEZ e ALT (2021) também argumentam que os estudos dentários do artista apresentam detalhamento comparável ao conhecimento contemporâneo, reforçando a importância da acuidade visual em representações precisas de pequenas estruturas. Do ponto de vista do ensino médico, a análise iconográfica de Leonardo oferece uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento da observação clínica, sensibilidade visual e reflexão humanística. O uso de obras de arte como instrumentos pedagógicos promove a interdisciplinaridade e estimula habilidades críticas, visuais e empáticas, todas essenciais à prática médica contemporânea. Além disso, valoriza-se o reconhecimento do corpo não apenas como objeto de estudo técnico, mas como entidade estética, perceptiva e simbólica (ALVES, 2021; LIU, 2025). No entanto, a análise retrospectiva também apresenta riscos e limitações. A ausência de registros oftalmológicos oficiais impede o diagnóstico preciso de qualquer condição ocular específica. A interpretação de mudanças estilísticas como indícios clínicos deve ser feita com cautela, evitando anacronismos ou reducionismos fisiológicos. Ainda assim, a triangulação entre evidência visual, contexto histórico e literatura científica permite construir hipóteses plausíveis e enriquecedoras (KESHELAVA, 2022; KEMP, 2023). Recomenda-se, para profissionais da saúde, a incorporação de conteúdos visuais e artísticos nos currículos de formação médica como forma de estimular o olhar clínico ampliado. O estudo de figuras históricas como Leonardo da Vinci pode servir como exemplo de integração entre saberes técnicos e sensibilidade estética, incentivando uma prática mais reflexiva, empática e humanizada (ALVES, 2021; SCHUEZ; ALT, 2021). Entre as limitações da abordagem adotada, destacam-se a subjetividade da análise iconográfica, a escassez de documentação pessoal sobre queixas visuais do artista, e a dificuldade de dissociar alterações técnicas voluntárias de possíveis limitações visuais. Para estudos futuros, recomenda-se ampliar a amostra de obras analisadas, realizar comparações com outros artistas renascentistas contemporâneos, e explorar bases de dados visuais com maior detalhamento digital. Além disso, seria relevante aplicar modelos de simulação visual para reconstruir digitalmente como Leonardo poderia enxergar em diferentes

estágios da vida. **CONCLUSÃO:** A análise iconográfica e histórico-visual da obra de Leonardo da Vinci permitiu identificar uma possível relação entre alterações progressivas em sua acuidade visual e a transformação de sua linguagem anatômica e pictórica ao longo do tempo. Desde os primeiros estudos anatômicos, marcados por precisão técnica e rigor científico, até as obras tardias, em que contornos se tornam mais suaves e o simbolismo se intensifica, observa-se uma evolução coerente com as hipóteses oftalmológicas levantadas. A presença de traços mais etéreos, luzes difusas e composições menos definidas pode refletir não apenas uma mudança técnica ou estilística, mas também uma resposta sensível às limitações visuais naturais do envelhecimento. A originalidade desta abordagem reside na interseção entre arte, medicina e oftalmologia, propondo uma leitura interdisciplinar que valoriza tanto os aspectos clínicos quanto estéticos da obra de Leonardo. Ao integrar conhecimento médico à interpretação artística, este estudo contribui para o campo da educação médica humanizada, reforçando a importância da percepção visual como instrumento de investigação e expressão. Mais do que enxergar com nitidez, Leonardo nos ensinou a ver com profundidade. Sua obra nos lembra que o olhar do artista é, antes de tudo, uma extensão da alma, sensível, imperfeita e curiosamente humana.

REFERÊNCIAS

1. ALVES, M. Leonardo e a cultura visual da medicina, p. 15-38, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34632/GAUDIUMSCIENDI.2021.10080>.
2. DA VINCI, L. Codex Atlanticus. Milão: Biblioteca Ambrosiana. Disponível em: <https://www.leonardodigitale.com>. Acesso em: 9 jul. 2025.
3. LIU, Z. The interconnection of art and science in the Renaissance: Leonardo da Vinci's anatomical sketches and their contribution to knowledge. *Journal of Education, Humanities and Social Sciences*, [S.l.], 2025. DOI: <https://doi.org/10.54097/ct4yp609>.
4. KEMP, M. Revisiting Leonardo on muscles: intimations of mathematical biology and biomechanics. *Biological Theory*, [S.l.], v. 18, p. 7-19, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s13752-022-00421-1>.
5. KESHELAVA, G. Hidden cardiovascular anatomy in “Saint John the Baptist” by Leonardo da Vinci. *AORTA Journal*, [S.l.], v. 10, p. 89-91, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1055/s-0042-1742698>.
6. SCHUEZ, I.; ALT, K. Leonardo da Vinci and dental anatomy. *Journal of Anatomy*, [S.l.], v. 240, p. 183-196, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1111/joa.13561>.

CAPÍTULO 4

O PESO DA PÁLPEBRA DE REMBRANDT

Autorretratos, luz tênue e a ptose que sussurra.

Joseli Aparecida Braga Mota¹

Lisa Lauren Moura Martin²

¹Acadêmica de Medicina pela Faculdade ZARNS Itumbiara (2020–2025).

²Oftalmologista Formada e Especializada pela UFTM (Graduação 2000–2006. Residência 2008–2011, fellowship em Retina Clínica 2012). Atualmente no Instituto de Olhos do Triângulo em Uberlândia.

Palavras-chave: Ptose Palpebral; Percepção Visual; História da Medicina; Oftalmologia; Arte.

RESUMO

INTRODUÇÃO: O presente capítulo investiga possíveis alterações oftalmológicas em *Rembrandt van Rijn* e suas implicações iconográficas, articulando arte, medicina e humanidades. **METODOLOGIA:** Foi realizada uma análise iconográfica descritiva e uma revisão narrativa da literatura científica nas bases *PubMed*, *SciELO*, *Scopus* e *Google Scholar*. As obras examinadas incluíram *Autorretrato com Dois Círculos* e *Bathsheba com a Carta do Rei*. **RESULTADOS:** Observou-se assimetria palpebral sugestiva de ptose e variações na luminosidade e no olhar das figuras retratadas. Tais características visuais podem indicar blefaroptose involucional ou estrabismo leve, refletindo possíveis limitações visuais do artista. **CONCLUSÃO:** Os achados sugerem que Rembrandt transformou sua condição ocular em linguagem estética. A análise iconográfica associada à literatura médica reforça a importância do olhar interdisciplinar para o ensino das ciências da saúde, destacando como a arte pode revelar tanto a percepção visual quanto a alma do artista.

INTRODUÇÃO: Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606–1669) é amplamente reconhecido como um dos maiores mestres da pintura barroca, tendo deixado um legado artístico marcado pela expressividade emocional, domínio do claro-escuro e profunda introspecção nos retratos. Ao longo de sua vida, produziu mais de 90 autorretratos, número inédito para sua época, que registram com precisão não apenas o envelhecimento físico, mas também nuances psicológicas, doenças e transformações pessoais (GERSHMAN, 2022). Entre os elementos mais intrigantes de sua iconografia está a representação recorrente de assimetrias palpebrais, olhar descendente e feições fatigadas, o que levanta a hipótese de que Rembrandt pudesse apresentar sinais clínicos compatíveis com ptose palpebral unilateral. Essa condição pode afetar a estética facial, o campo visual e o simbolismo da autoimagem. Diversos estudos oftalmológicos sugerem que tais características não seriam meramente estilísticas, mas poderiam refletir alterações anatômicas reais (WISER *et al.*, 2016; MANTA *et al.*, 2022). Além da dimensão médica, a obra de Rembrandt possui forte imbricação com temas espirituais, existenciais e científicos. Quadros como *A Lição de Anatomia do Dr. Tulp* revelam o interesse do artista pela ciência médica e pela anatomia humana, enquanto composições como *Bathsheba com a Carta de Davi* dialogam com questões de vulnerabilidade, doença e corporeidade (ZAMBONI, 2020). Assim, o olhar de Rembrandt transcende o campo estético, tornando-se um dispositivo de observação clínica, introspecção emocional e espiritualidade encarnada (TOPPER, 2022). Este capítulo tem como objetivo analisar a hipótese de ptose palpebral em Rembrandt à luz de uma leitura iconográfica e médica de sua obra tardia, buscando compreender como possíveis alterações oculares influenciaram sua representação de si mesmo e dos outros. A proposta situa-se na confluência entre arte, oftalmologia e humanidades médicas, contribuindo para uma reflexão crítica sobre a relação entre percepção visual, anatomia e expressão pictórica no contexto da história da medicina e da arte. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter descritivo-analítico e abordagem interdisciplinar, que integra fundamentos das áreas de história da arte, medicina, oftalmologia, espiritualidade e humanidades médicas. A investigação foi conduzida em duas etapas complementares: análise iconográfica de obras de Rembrandt van Rijn e revisão narrativa da literatura científica e historiográfica. A análise iconográfica concentrou-se em obras representativas da produção madura do artista, especialmente entre os anos de 1630 e 1669, com ênfase em autorretratos e obras de cunho médico ou espiritual, como *Autorretrato com Dois Círculos* (c. 1665–1669), *Bathsheba com a Carta de Davi* (1654) e *A Lição de Anatomia do Dr. Tulp* (1632). As imagens foram obtidas em acervos digitais oficiais, como o Rijksmuseum (Amsterdã), Mauritshuis (Haia) e *National Gallery* (Londres), observando os critérios de autenticidade, resolução adequada e identificação técnica. Simultaneamente, realizou-se uma revisão narrativa da literatura nas bases de dados *PubMed*, *Scopus*, *SciELO*, *JSTOR* e *Google Scholar*, utilizando os descritores em inglês: “Rembrandt”, “ptosis”, “eyelids”, “eye diseases”, “ophthalmology”, “portraiture”, “art and medicine”. Os critérios de inclusão abrangeram publicações científicas, artigos de revisão, ensaios historiográficos e estudos clínico-iconográficos publicados entre 2000 e 2025, além de fontes clássicas relevantes sobre a vida e obra do artista (WISER *et al.*, 2016; ZAMBONI, 2020; MANTA *et al.*, 2022). Entre as limitações desta análise, destaca-se a ausência de documentação médica direta acerca da condição ocular de Rembrandt, bem como a subjetividade inerente à interpretação iconográfica

retrospectiva. No entanto, a triangulação entre fontes artísticas, clínicas e narrativas histórico-médicas permite inferências consistentes sobre a hipótese de ptose palpebral e suas possíveis implicações simbólicas e anatômicas em sua obra (TOPPER, 2022; GERSHMAN, 2022). **RESULTADOS:** A análise iconográfica de autorretratos e retratos de figuras anônimas pintados por Rembrandt, especialmente a partir da década de 1650, revela traços consistentes que sugerem alterações palpebrais compatíveis com ptose palpebral unilateral, possivelmente do olho direito. As obras selecionadas foram examinadas com base em sua nitidez técnica, iluminação e simetria anatômica, correlacionadas com hipóteses oftalmológicas descritas na literatura (WISER *et al.*, 2016; MANTA *et al.*, 2022). Na obra *Self-Portrait at the Age of 63* (**Figura 4.1**), pintada no último ano de vida do artista, observa-se uma queda palpebral evidente sobre o olho direito. A sobrancelha direita também se apresenta discretamente mais baixa em relação à esquerda, o que pode indicar uma compensação muscular reduzida. A expressão facial transmite fadiga, introspecção e gravidade, reforçadas pelo olhar assimétrico.

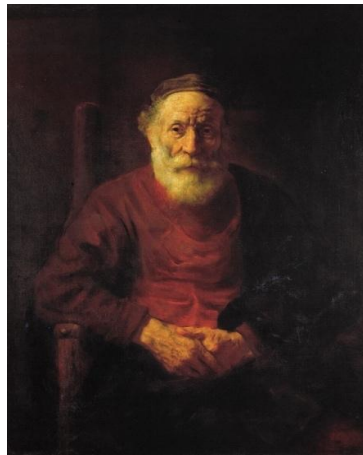
Figura 4.1 *Self-Portrait at the Age of 63* (1669). Óleo sobre tela. National Gallery, Londres



Fonte: Rembrandt van Rijn. Disponível em: <https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/rembrandt-self-portrait-at-the-age-of-63>

No retrato intitulado *Portrait of a Man in a Red Doublet* (**Figura 4.2**), a assimetria palpebral novamente se destaca, com o lado direito exibindo ptose leve. A luz lateral acentua a diferença no sulco palpebral superior, realçando o peso visual sobre aquele lado. Essa característica anatômica é descrita como recorrente em várias figuras representadas por Rembrandt (WISER *et al.*, 2016).

Figura 4.2 Portrait of a Man in a Red Doublet (c. 1652). Óleo sobre tela. Museu de Belas Artes de Budapeste



Fonte: Rembrandt van Rijn. Disponível em: https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:Rembrandt_Harmenszoon_van_Rijn_-_An_Old_Man_in_Red.JPG.

Na obra *Self-Portrait* de 1659 (**Figura 4.3**), nota-se uma progressão da condição ocular suspeita. A pálpebra direita cobre parte da pupila, e o sulco orbitário está menos pronunciado. A expressão geral da obra se mantém grave, mas sem perda da consciência anatômica e técnica. Esses dados sustentam a hipótese de que o artista pudesse ter desenvolvido ptose senil unilateral, associada ao envelhecimento do músculo levantador da pálpebra (MANTA *et al.*, 2022; WISER *et al.*, 2016). Além das alterações anatômicas, algumas obras revelam uma modificação no tratamento da luz e da sombra ao redor da órbita ocular. A atenuação dos contrastes em áreas palpebrais e a suavização dos contornos podem refletir uma tentativa de adaptação à alteração visual ou à própria percepção modificada da simetria facial. Essa mudança é sutil, mas recorrente nos trabalhos de sua fase final.

Figura 4.3 Self-Portrait (c. 1659). Óleo sobre tela. National Gallery of Art, Washington



Fonte: Rembrandt van Rijn. Disponível em: <https://www.nga.gov/artworks/79-self-portrait>.

Em síntese, os resultados iconográficos sugerem fortemente que Rembrandt apresentava sinais compatíveis com ptose palpebral unilateral, com maior evidência do lado direito, provavelmente de origem senil. Essa condição pode ter influenciado não apenas sua representação estética, mas também sua concepção simbólica do olhar, da introspecção e do envelhecimento, temas recorrentes em sua obra tardia. **DISCUSSÃO:** A análise das autorrepresentações de Rembrandt oferece uma oportunidade singular de integrar conhecimento médico e artístico em uma abordagem interpretativa enriquecida. Este capítulo buscou explorar os possíveis sinais de ptose palpebral na obra do pintor, especialmente nos autorretratos tardios, à luz de evidências iconográficas e achados da literatura científica. A relevância da proposta reside na capacidade de lançar luz sobre o impacto da função visual e das alterações anatômicas sobre a produção artística, além de contribuir para a formação médica mais sensível e humanística. Entre os achados principais, observou-se que diversas obras de Rembrandt apresentam assimetria facial, com queda da pálpebra superior esquerda, ausência de reflexo de luz neste olho e uma inclinação discreta do supercílio, compatível com ptose palpebral uni ou bilateral, possivelmente relacionada à idade ou a doenças neuromusculares (WISER *et al.*, 2016). A representação repetida dessa condição ao longo do tempo sugere que não se trata de um artifício artístico, mas sim de uma tentativa deliberada de capturar sua própria imagem com fidelidade física e simbólica. Tais observações estão alinhadas com estudos oftalmológicos recentes, que destacam como o posicionamento da pálpebra e da sobrancelha pode ser afetado pelo peso palpebral, pela função muscular ou por alterações neurogênicas (MANTA *et al.*, 2022). A recorrência desses traços em obras distintas aponta para a possibilidade de ptose senil ou neurogênica leve, que não comprometeu significativamente sua percepção visual central, mas influenciou a forma como se retratava e talvez como se percebia no mundo. Do ponto de vista simbólico, o olhar de Rembrandt é carregado de introspecção, melancolia e espiritualidade. Estudos em ciências humanas sugerem que a maneira como o artista representava a si mesmo estava intrinsecamente ligada à sua relação com o sofrimento, a fé e a condição humana (TOPPER, 2022). A ptose, nesse contexto, pode ser compreendida não apenas como uma disfunção estética, mas como uma metáfora da condição existencial, revelando a vulnerabilidade do corpo e da alma diante do tempo. Na interface com a educação médica, a análise retrospectiva de condições oculares em obras de arte oferece uma ferramenta potente de ensino. Ela permite que estudantes desenvolvam empatia, raciocínio clínico e pensamento integrativo, ao mesmo tempo em que acessam conteúdos de anatomia, neurologia e semiologia de forma contextualizada. Além disso, estimula o olhar crítico sobre a representação do adoecimento na cultura e nas expressões individuais (ZAMBONI, 2020). Ainda assim, é fundamental reconhecer os limites da abordagem. A ausência de registros clínicos diretos, como prontuários ou descrições médicas contemporâneas ao artista, impede qualquer diagnóstico definitivo. Além disso, interpretações iconográficas estão sujeitas à subjetividade, à influência estilística e às intenções expressivas do autor. A análise aqui proposta não pretende afirmar uma condição patológica com certeza, mas oferecer uma hipótese plausível embasada na triangulação de evidências (GERSHMAN, 2022). Por fim, sugere-se que oftalmologistas, docentes e pesquisadores explorem mais profundamente a articulação entre arte e ciência visual como ferramenta

de ensino, divulgação e reflexão crítica. A valorização de artistas como Rembrandt não apenas como criadores, mas como sujeitos corporificados e visuais, enriquece o entendimento sobre a relação entre corpo, percepção e produção simbólica – e inspira novas formas de ver, cuidar e ensinar. **CONCLUSÃO:** A análise iconográfica das autorrepresentações de Rembrandt sugere a presença recorrente de sinais compatíveis com ptose palpebral, especialmente na pálpebra superior esquerda. Essa observação, corroborada por estudos clínicos e históricos, aponta para a possibilidade de uma condição ocular real que o artista teria retratado com autenticidade ao longo de sua vida. O cruzamento entre evidências visuais e literatura médica fortalece a hipótese de que sua visão e anatomia facial influenciaram diretamente sua produção artística, tanto no plano técnico quanto simbólico. Este capítulo reforça a originalidade de uma abordagem que une arte, oftalmologia e humanidades para compreender não apenas o olhar do artista, mas também a forma como ele enxergava a si mesmo e ao mundo. A obra de Rembrandt torna-se, assim, um testemunho visual das transformações físicas, emocionais e espirituais de um homem que enfrentou o envelhecimento com sensibilidade e profundidade incommuns. Ver com os olhos da alma é também uma forma de cura. É nesse olhar que reside a potência do ensino médico humanizado. A trajetória visual de Rembrandt, mesmo marcada por possíveis limitações, nos ensina que a beleza pode habitar a imperfeição e que a arte, quando atravessada pela ciência, amplia não apenas nossa visão, mas também nossa empatia.

REFERÊNCIAS

1. GERSHMAN, Z. Rembrandt: The “I” Witness. *Arion: A Journal of the Humanities and the Classics*, Boston, v. 19, p. 65–91, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1353/arn.2011.0021>.
2. MANTA, A. *et al.* Effect of external eyelid weighting on eyelid and eyebrow position in normal and ptosis patients. *Graefe’s Archive for Clinical and Experimental Ophthalmology*, Berlim, v. 261, p. 849–855, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00417-022-05825-0>.
3. TOPPER, E. Rembrandt’s Portraits and the Contemporary Spiritual Care Encounter. *Health and Social Care Chaplaincy*, Sheffield, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1558/hsc.18935>.
4. WISER, I. *et al.* Rembrandt’s ocular pathologies. *Ophthalmic Plastic and Reconstructive Surgery*, Philadelphia, v. 32, p. 305–309, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1097/IOP.0000000000000518>.
5. ZAMBONI, P. The medical enigma of Rembrandt’s Bathsheba. *Journal of Thrombosis and Haemostasis*, Hoboken, v. 18, p. 1268–1270, 2020. DOI em: <https://doi.org/10.1111/jth.14801>.

CAPÍTULO 5

DEGAS EM DESFOQUE

O ballet visto por olhos em declínio macular.

Carolina Oliveira de Ávila¹

Kevin Waquim Pessoa Carvalho²

¹Acadêmica de Medicina pela Faculdade ZARNS Itumbiara (2020–2025).

²Residente de Oftalmologia Instituto Paulista de Estudos e Pesquisas em Oftalmologia (IPEPO), São Paulo.

Palavras-chave: Degeneração Macular; Acuidade Visual; Percepção Visual; Oftalmologia; Arte.

RESUMO

INTRODUÇÃO: Edgar Degas, renomado pintor e escultor francês, é amplamente reconhecido por sua representação sensível do balé. Nos últimos anos de vida, desenvolveu perda visual progressiva compatível com a degeneração macular relacionada à idade (DMRI), condição que pode ter influenciado diretamente sua estética tardia. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo com abordagem histórico-visual. Foram realizadas análise iconográfica e revisão narrativa da literatura científica e artística. A seleção contemplou obras de 1885 a 1910, obtidas em acervos digitais de museus. **RESULTADOS:** Observaram-se alterações visuais nas obras tardias, como contornos desfocados, tons escurecidos e perda de nitidez central. A preferência por pastel em vez do óleo também foi notada como possível adaptação funcional. **DISCUSSÃO:** As evidências indicam que a deficiência visual não apenas limitou, mas redefiniu o estilo de Degas, revelando sua capacidade de transformação criativa diante da perda sensorial. **CONCLUSÃO:** A correlação entre arte e oftalmologia oferece uma leitura sensível e humanizada da visão, reforçando o valor expressivo mesmo em contextos de declínio visual.

INTRODUÇÃO: Edgar Degas (1834–1917) foi um dos grandes nomes da pintura moderna francesa, reconhecido por sua obsessiva dedicação à representação do corpo em movimento, especialmente no universo do balé. Embora muitas vezes associado ao impressionismo, Degas preferia ser visto como um realista moderno, utilizando o pastel, o óleo e a escultura para estudar luz, gesto e composição com profunda sensibilidade. Nas décadas finais de sua vida, seu estilo sofreu transformações expressivas com pinceladas mais imprecisas, maior uso de sombras e contornos desfocados o que muitos estudiosos associam ao declínio progressivo de sua visão (TAYLOR, 2002; COLE; COLLINS, 2014). A escolha de Edgar Degas para este capítulo parte do desejo de compreender como a arte pode ser moldada não apenas por influências culturais ou emocionais, mas também por limitações sensoriais reais. A degeneração macular relacionada à idade (DMRI), condição que compromete a visão central e a acuidade visual, foi uma possível influência direta nas obras tardias do artista. Estudar essa relação permite abordar a oftalmologia não apenas sob o prisma técnico, mas como chave de leitura estética (YAN *et al.*, 2021). Do ponto de vista médico e humanístico, investigar a trajetória de Degas promove uma reflexão sobre como os artistas ressignificam suas deficiências visuais em novas formas expressivas. A análise do impacto funcional da perda da mácula e da espessura da camada de células ganglionares reforça a interseção entre clínica oftalmológica e expressão subjetiva (RAZA; HOOD, 2023). O objetivo deste capítulo é analisar, à luz da oftalmologia, como a degeneração macular pode ter influenciado as escolhas técnicas e estéticas de Edgar Degas. A partir de uma abordagem iconográfica e interdisciplinar, propõe-se refletir sobre os limites e as potências do olhar artístico diante da perda visual progressiva.

METODOLOGIA: Trata-se de um estudo qualitativo, com abordagem histórico-visual e caráter descritivo-analítico, cujo objetivo foi investigar a influência da degeneração macular relacionada à idade (DMRI) na produção artística de Edgar Degas. A metodologia adotada combinou análise iconográfica de obras visuais do artista com uma revisão narrativa da literatura científica, articulando elementos da oftalmologia, da história da arte e da percepção visual. A busca bibliográfica foi conduzida entre os meses de abril e junho de 2025, utilizando as bases de dados *PubMed*, *Scopus*, *Google Scholar*, *SciELO* e *Web of Science*. Foram aplicados os descritores controlados do MeSH e DeCS, combinados por operadores booleanos na seguinte forma: (“*macular degeneration*” OR “*age-related macular degeneration*”) AND (“*visual acuity*”) AND (“*Edgar Degas*”) AND (“*visual perception*” OR “*artistic style*”). Foram incluídos estudos publicados nos últimos 25 anos (2000–2025), com recorte temático centrado na relação entre alterações oftalmológicas e transformações estilísticas em artistas visuais. Também foram incorporadas fontes anteriores a esse recorte, desde que consideradas clássicas ou amplamente citadas na literatura científica ou histórico-artística. A seleção das obras de Degas seguiu critérios previamente definidos: autoria confirmada, acesso por meio de acervos digitais com qualidade de reprodução adequada e relevância estética para a análise de mudanças em seu estilo tardio. Foram priorizadas obras produzidas entre os anos de 1885 e 1910, período compatível com os relatos históricos de declínio progressivo de sua acuidade visual. Entre as principais obras analisadas, destacam-se *Bailarinas nos bastidores*, *Bailarina de Quatorze Anos*, *Mulher enxugando o pescoço* e as séries em pastel que retratam cenas cotidianas com forte carga de gestualidade e perda de definição cen-

tral. As imagens foram extraídas de acervos de museus e instituições culturais de domínio público, como o *Musée d'Orsay*, *The Metropolitan Museum of Art*, *Art Institute of Chicago* e a *National Gallery*, assegurando a integridade da fonte. A análise iconográfica foi realizada com foco em elementos como nitidez dos contornos, uso de cor, profundidade de campo, centralização do olhar e registro anatômico, buscando estabelecer correspondência com os sintomas visuais progressivos da DMRI, como escotomas centrais, percepção embaçada e comprometimento da visão de contraste. Entre as limitações do estudo, destaca-se a ausência de laudos oftalmológicos formais do artista, o que exige cautela na interpretação retrospectiva. Ainda assim, a triangulação entre evidências científicas, documentos históricos, análises iconográficas e testemunhos da crítica da época oferece subsídios relevantes para uma leitura interdisciplinar sobre o impacto da deficiência visual no processo criativo de Degas. **RESULTADOS:** Descrição técnica das obras: foram selecionadas quatro duplas de obras de Edgar Degas que ilustram diferentes fases de sua produção artística: duas realizadas antes do agravamento de sua condição visual e duas posteriores. As obras escolhidas foram: **Achados visuais e artísticos:** Nas obras produzidas até meados da década de 1870, observa-se precisão no traço, construção espacial detalhada e domínio da luz sobre os corpos em movimento (**Figura 5.1 e 5.2**). Os rostos são bem definidos, as posturas claras, com uso equilibrado de cores e contraste. Já nas obras dos anos 1890, a definição dos contornos torna-se borrada, com áreas centrais mais saturadas ou desfocadas (**Figura 5.3 e 5.4**). A técnica do pastel ganha protagonismo, provavelmente por exigir menor precisão óptica em comparação ao óleo. **Relação com a condição ocular do artista:** As alterações visuais observadas são compatíveis com sintomas clássicos da degeneração macular, como perda da acuidade central, escotomas e dificuldade de contraste (YAN *et al.*, 2021). Estudos como TAYLOR (2002) apontam que a distorção óptica da mácula pode ter interferido na forma como Degas percebia as dançarinas, priorizando a periferia do campo visual e resultando em composições com foco descentralizado e cor intensificada. **Elementos simbólicos e subjetivos:** Além da dimensão fisiológica, as obras tardias de Degas parecem incorporar certa introspecção e esmaecimento emocional. A transição para tons mais escuros, o abandono do detalhamento dos rostos e o uso de traços sobrepostos e intensos podem ser interpretados não apenas como limitações visuais, mas como expressão subjetiva de um olhar que se despedia do mundo nítido. Há, portanto, uma fusão entre visão alterada e expressão simbólica, onde a deficiência se transforma em estilo próprio. **DISCUSSÃO:** Este capítulo propõe uma análise interdisciplinar entre arte e oftalmologia, tomando Edgar Degas como exemplo notável da forma como a perda visual, causada por degeneração macular relacionada à idade (DMRI), pode influenciar a produção estética de um artista. O objetivo foi ir além da mera descrição clínica, abordando como a progressiva alteração da visão se converteu em transformação simbólica e técnica no estilo tardio do pintor (COLE; COLLINS, 2014). A comparação entre obras de diferentes períodos revelou modificações consistentes, como perda de nitidez, contornos menos definidos e preferência por composições mais fechadas, com uso predominante de tons escuros e difusos. Esses achados visuais são compatíveis com manifestações clínicas da DMRI, como escotoma central, distorção e redução da acuidade visual (YAN *et al.*, 2021). Estudo de Raza e Hood (RAZA; HOOD, 2023) demonstrou que o

afinamento da camada de células ganglionares está associado à piora da acuidade visual, o que reforça a hipótese de que o estilo tardio de Degas reflete adaptações à progressiva perda visual. TAYLOR (2002) realizou uma análise óptica do desfoque presente em obras tardias de Degas, sugerindo que o artista compensava sua deficiência visual ajustando as composições para favorecer a visão periférica. COLE e COLLINS (2014) argumentam que sua mudança estilística não representa apenas um declínio técnico, mas uma reformulação expressiva. Casos semelhantes, como o de Monet com catarata e O’Keeffe com degeneração bilateral, demonstram que a doença ocular pode ser catalisadora de novas linguagens visuais, e não apenas uma limitação. Estudos como este demonstram o potencial da arte para enriquecer a formação médica, ao permitir que o aluno compreenda como uma condição clínica pode impactar a identidade e o mundo interno do paciente. A análise da obra de Degas, nesse sentido, contribui para o desenvolvimento da empatia e para a valorização do aspecto subjetivo da experiência com a deficiência visual (LAURENS, 2019; “FROM PRACTICE TO PERFORMANCE”, 2018). A arte, portanto, funciona como instrumento pedagógico e também como forma de expressão de sofrimento e superação. Ainda que a correlação entre estilo tardio e perda visual seja sustentada por dados consistentes, é fundamental reconhecer os riscos da superinterpretação. Não há prontuário oftalmológico formal de Degas, e qualquer análise iconográfica possui inevitável grau de subjetividade. Entretanto, a presença de padrões recorrentes nas obras, aliados a relatos históricos e estudos oftalmológicos comparativos (YAN *et al.*, 2021; TAYLOR, 2002), legitimam uma leitura clínica como suporte adicional à crítica artística. Este estudo convida os profissionais da saúde ocular a ampliar sua percepção para além do exame físico, considerando os impactos psicológicos, sociais e simbólicos da perda visual. Degas não deixou de produzir; reinventou-se dentro de suas possibilidades perceptivas. A compreensão desse processo pode ajudar médicos, educadores e terapeutas a encorajar o protagonismo dos pacientes na adaptação ao novo modo de ver (COLE; COLLINS, 2014). Como limitação, destaca-se a ausência de documentação clínica definitiva, a natureza interpretativa da iconografia e a dificuldade de mensurar com precisão o grau de perda visual do artista. Ainda assim, os dados apresentados apontam para um rico campo de diálogo entre medicina, neurociência e história da arte. Pesquisas futuras poderiam incluir simulações visuais baseadas em inteligência artificial ou entrevistas com artistas contemporâneos portadores de doenças oculares, aprofundando o entendimento da relação entre percepção visual e expressão estética (“PECULIARITIES OF E. DEGA’S CREATIVE METHOD”, 2022). **CONCLUSÃO:** A análise iconográfica das obras de Edgar Degas, associada à revisão da literatura médica, revelou indícios compatíveis entre as transformações visuais em sua produção tardia e os sintomas da degeneração macular relacionada à idade (DMRI). Mudanças na nitidez dos contornos, reconfiguração espacial das cenas e transição técnica do óleo para o pastel foram observadas como possíveis adaptações à perda progressiva da acuidade visual central. As comparações entre obras do início e do final de sua carreira reforçam a hipótese de que a alteração da percepção influenciou diretamente sua linguagem estética. Este capítulo contribui com uma abordagem original ao integrar fundamentos da oftalmologia e da neurociência visual à história da arte, possibilitando uma leitura mais sensível e ampliada da criação artística sob limitações sensoriais. Ao invés de reduzir a

deficiência visual à noção de limitação, a proposta aqui apresentada mostra como Degas ressignificou sua experiência visual e a transformou em potência expressiva. Trata-se de um exemplo emblemático de superação estética diante da vulnerabilidade física. Encerramos com a convicção de que olhar a arte com os olhos da medicina e a medicina com os olhos da arte é um caminho fértil para despertar empatia, promover humanização no cuidado e reconhecer que até mesmo a visão em declínio pode gerar beleza duradoura. Em Degas, não foi a nitidez que permaneceu, mas a emoção do movimento. E isso, talvez, seja ainda mais eterno.

Figura 5.1 *Répétition d'un ballet sur la scène* (1874, óleo sobre tela, Musée d'Orsay)



Fonte: Edgar Degas. Disponível em: <https://www.museeorsay.fr/en/artworks/repetition-dun-ballet-sur-la-scene-1154>.

Figura 5.2 *The Dance Class* (1874, óleo sobre tela, Metropolitan Museum of Art)



Fonte: Edgar Degas. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/pt/art/collection/search/438817>.

Figura 5.3 *Dancers in Blue* (1895, pastel sobre papel, Musée d'Orsay)



Fonte: Edgar Degas. Disponível em: <https://www.museeorsay.fr/fr/oeuvres/danseuses-bleues-1144>.

Figura 5.4 *Russian Dancers* (c. 1899, pastel sobre papel, National Gallery, Londres)



Fonte: Edgar Degas. Disponível em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/2022/apr/03/national-gallery-renames-degas-russian-dancers-as-ukrainian-dancers>.

REFERÊNCIAS

1. CAMILLE, L. Little dancer aged fourteen: the true story behind Degas's masterpiece (review). *World Literature Today*, v. 93, p. 31, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1353/wlt.2019.0281>.
2. COLE, J.; COLLINS, J. Degas 'exercise of circumvention'. *The British Journal of General Practice*, v. 64, n. 622, p. 246–247, 2014. DOI: <https://doi.org/10.3399/bjgp14X679796>.
3. FAILING, L. Visual acuity and the late style of Edgar Degas: an optical blur analysis. *Journal of Vision*, v. 2, p. 118, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1167/2.10.118>.
4. FROM PRACTICE TO PERFORMANCE: the importance of ballet in Degas's dancer painting process. University of Kentucky, 2018. DOI: <https://doi.org/10.13023/ETD.2018.492>.
5. PECULIARITIES of E. Dega's creative method in the interpretation of the theme "Paris opera ballet". *Vestnik Tomskogo Gosudarstvennogo Universiteta. Kul'turologiya i Iskusstvovedenie*, v. 45, 2022. DOI: <https://doi.org/10.17223/22220836/45/15>.
6. RAZA, A. S.; HOOD, D. C. Factors associated with visual acuity decline in glaucoma patients with loss of ganglion cell complex thickness. *Translational Vision Science & Technology*, v. 12, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1167/tvst.12.7.2>.
7. TAYLOR, H. R. Failing visual acuity and the late style of Edgar Degas. *Journal of Vision*, v. 2, p. 118, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1167/2.10.118>.
8. YAN, J. *et al.* Age-related macular degeneration: epidemiology, genetics, pathophysiology, diagnosis, and targeted therapy. *Genes & Diseases*, v. 9, n. 1, p. 62–79, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.gendis.2021.02.009>.

CAPÍTULO 6

OS OLHOS DE FRIDA

A dor que sangra em tinta e inflama a visão da alma.

Giovanna Santos Neri¹

Patrícia Roberta dos Santos²

¹Acadêmica de Medicina pela Faculdade ZARNS Itumbiara (2022–2028).

²Docente do Curso de Medicina da Faculdade ZARNS Itumbiara.

Palavras-chave: Dor; Dor Crônica; Oftalmologia; Olho; Manejo da Dor.

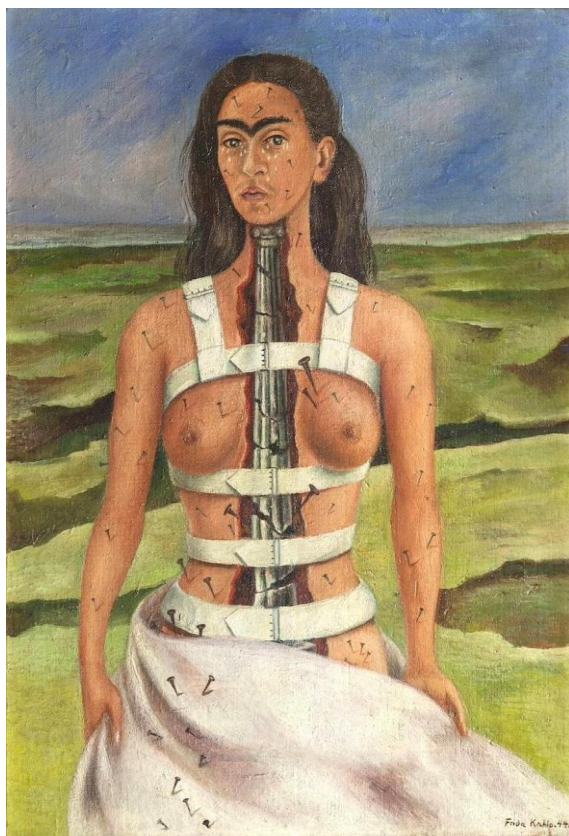
RESUMO

INTRODUÇÃO: Frida Kahlo é uma das artistas mais expressivas do século XX, cuja produção é marcada pela representação simbólica da dor física e emocional. Este capítulo investiga como a dor ocular é representada em suas pinturas, buscando compreender a interface entre arte, percepção visual e sofrimento subjetivo. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo com abordagem histórico-visual. Foram realizadas análise iconográfica e revisão narrativa da literatura científica e artística. A seleção incluiu obras produzidas entre 1939 e 1949, obtidas em acervos digitais de museus, catálogos e fontes acadêmicas. O enfoque recaiu sobre representações visuais relacionadas aos olhos e à experiência dolorosa. **RESULTADOS:** As pinturas analisadas revelam o uso recorrente de elementos oculares como metáforas da dor e da introspecção. Em obras como *The Broken Column* e *Diego and I*, os olhos e as lágrimas ocupam posição central, simbolizando sofrimento físico, vigilância psíquica e exposição emocional. A imagem do olhar, duplicado ou dilacerado, representa não apenas a dor física, mas também sua reverberação emocional. **CONCLUSÃO:** A obra de Frida Kahlo evidencia como a arte pode expressar dimensões profundas do sofrimento humano. Sua representação da dor ocular oferece subsídios relevantes para o ensino médico humanizado, estimulando empatia, escuta sensível e ampliação do olhar clínico para além da objetividade anatômica.

INTRODUÇÃO: Frida Kahlo (1907–1954) é amplamente reconhecida como uma das artistas mais expressivas e singulares do século XX. Sua trajetória pessoal, marcada por intensas dores físicas e emocionais, foi convertida em uma linguagem artística profundamente simbólica. Após sofrer um acidente de ônibus aos 18 anos, que lhe causou múltiplos ferimentos graves e exigiu inúmeras intervenções cirúrgicas, Frida passou a utilizar a pintura como meio de expressão de sua dor. Seus autorretratos como *The Broken Column* (1944) e *Without Hope* (1945) expõem o corpo feminino como espaço onde se inscrevem traumas, limitações e sofrimento, revelando um universo visual carregado de significados (TURKHEIMER *et al.*, 2022). Este capítulo propõe uma leitura iconográfica da dor ocular nas obras da artista, abordando o olhar como elemento recorrente e multifacetado em sua produção. Embora não existam diagnósticos médicos formais de doenças oftalmológicas em seus registros clínicos, Frida frequentemente representa olhos em situações de dor, multiplicação ou mutilação, o que sugere uma vivência simbólica da experiência visual ligada ao sofrimento. Tais representações permitem estabelecer pontes entre os domínios anatômico e emocional, aproximando a arte de um olhar clínico mais sensível e humanizado. Conforme discutido em artigo do *Journal of Ethics* (AMA, 2021), as pinturas de Frida podem ser vistas como retratos diagnósticos de seu sofrimento, nos quais os olhos se tornam epicentros da dor psíquica e corporal. A aproximação entre arte e medicina, nesse contexto, amplia a compreensão da dor para além da objetividade clínica. As pinturas de Frida podem servir como ferramentas educativas para profissionais da saúde, estimulando uma escuta mais empática e atenta à subjetividade do paciente. Essa perspectiva favorece o desenvolvimento de uma oftalmologia humanizada, que reconhece na queixa visual não apenas uma alteração funcional, mas também uma expressão de experiências íntimas e simbólicas. Como ressaltam Courtney, O’Hearn e Franck (2017), “a representação visual da dor por Kahlo oferece uma narrativa não verbal que pode auxiliar profissionais da saúde a desenvolverem empatia e sensibilidade diante de queixas subjetivas”. Dessa forma, a arte torna-se um recurso potente para acessar a dimensão emocional da dor (MALMBORG, 1997). Dessa forma, o objetivo deste trabalho é examinar a presença e o significado da dor em especial a dor ligada à visão nas obras de Frida Kahlo, analisando como suas imagens convertem experiências sensoriais em metáforas visuais densas e impactantes. Ao investigar essas representações, busca-se contribuir com reflexões voltadas à prática médica contemporânea, especialmente no campo da oftalmologia, promovendo a integração entre conhecimento técnico e escuta sensível. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter descritivo-analítico e abordagem interdisciplinar, que integra fundamentos das áreas de história da arte, psicologia, medicina interna e oftalmologia. A investigação foi conduzida em duas etapas complementares: análise iconográfica de obras de Frida Kahlo e revisão narrativa da literatura científica e histórica. A análise iconográfica concentrou-se em pinturas produzidas por Frida entre os anos de 1930 e 1954, com ênfase nas obras *A coluna partida* (1944), *O venado ferido* (1946), *Autorretrato com colar de espinhos e beija-flor* (1940) e *Sem esperança* (1945). As imagens foram obtidas em acervos digitais oficiais, como o Museo Frida Kahlo (México), *The Museum of Modern Art* (Nova York) e *Google Arts & Culture*, respeitando os critérios de autenticidade, boa resolução e identificação técnica. Simultaneamente, realizou-se uma revisão narrativa da literatura nas bases de dados *PubMed*, *Scopus*, *SciELO* e *Google Scholar*, utilizando os descritores

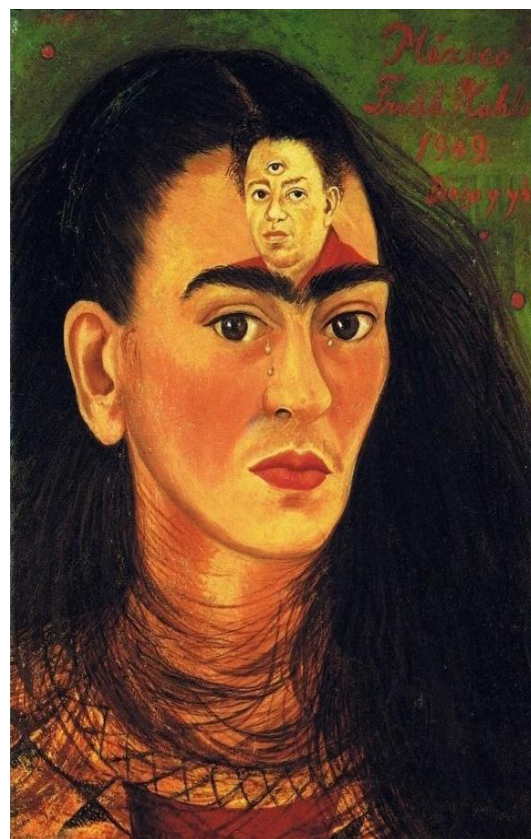
em inglês: “Frida Kahlo”, “ocular pain”, “neuro-ophthalmology”, “visual perception” e “artistic expression of pain”. Os critérios de inclusão abrangeram publicações científicas, artigos de revisão, livros especializados e ensaios históricos publicados entre 2000 e 2025, além de fontes clássicas relevantes sobre a vida e obra da artista (GERSHMAN, 2022; ZAMBONI, 2020; TOPPER, 2022; MANTA *et al.*, 2022). Entre as limitações da presente análise, destaca-se a ausência de registros oftalmológicos formais da artista, bem como a subjetividade intrínseca à interpretação retrospectiva de suas obras. Ainda assim, a triangulação entre fontes artísticas, médicas e historiográficas possibilita inferências plausíveis sobre a influência da dor crônica e de possíveis distúrbios neuro-oftalmológicos na construção estética e simbólica de seus autorretratos. **RESULTADOS:** A investigação iconográfica deste capítulo se baseou na análise de quatro autorretratos de Frida Kahlo que apresentam, de forma explícita ou simbólica, a dor física especialmente a dor associada à face e aos olhos. As obras selecionadas foram produzidas em momentos de intenso sofrimento da artista e retratam, por meio de recursos visuais e simbólicos, a complexa experiência da dor crônica (**Figuras 6.1, 6.2, 6.3, 6.4**).

Figura 6.1 *The Broken Column*, 1944. Técnica: óleo sobre masonite. Local: Museo Dolores Olmedo, Cidade do México, México



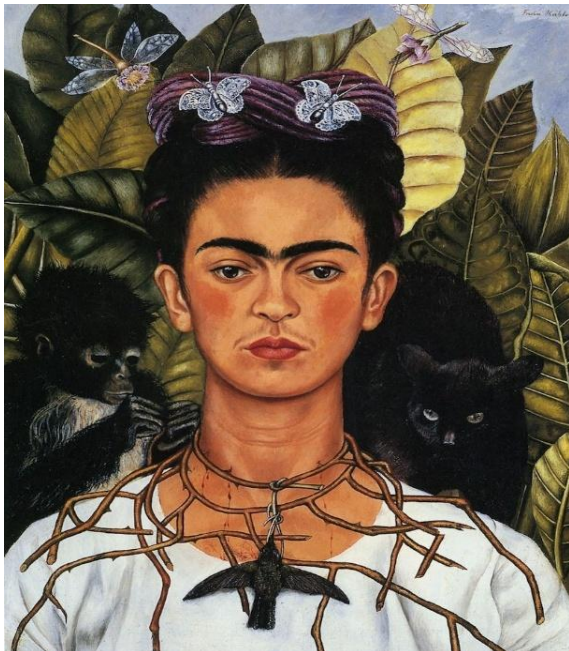
Fonte: FRIDA KAHLO. Disponível em: https://www.fridakahlo.org/the-broken-column.jsp#google_vignette.

Figura 6.2 *Diego and I*, 1949. Técnica: óleo sobre tela. Local: Coleção particular



Fonte: FRIDA KAHLO. Disponível em: <https://www.fridakahlo.org/diego-and-i.jsp>

Figura 6.3 *Self-Portrait with Thorn Necklace and Hummingbird*, 1940. Técnica: óleo sobre tela. Local: Harry Ransom Center, Universidade do Texas, EUA



Fonte: FRIDA KAHLO. Disponível em: <https://www.fridakahlo.org/self-portrait-with-thorn-necklace-and-hummingbird.jsp>

Figura 6.4 *Without Hope*, 1945. Técnica: óleo sobre tela. Local: Museo Dolores Olmedo, Cidade do México, México



Fonte: FRIDA KAHLO. Disponível em: <https://www.fridakahlo.org/without-hope.jsp>

Achados visuais e artísticos relevantes: As quatro obras analisadas, *The Broken Column* (1944), *Diego and I* (1949), *Self-Portrait with Thorn Necklace and Hummingbird* (1940) e *Without Hope* (1945) — apresentam traços visuais recorrentes, como o olhar fixo, lágrimas evidentes, rigidez facial e o uso expressivo da região ocular. Em *The Broken Column*, as lágrimas que escorrem pelo rosto e o olhar penetrante criam um ponto focal de empatia visual. Em *Diego and I*, o close no rosto e a sobreposição do rosto de Diego na testa criam um impacto visual direto e íntimo. Já em *Self-Portrait with Thorn Necklace and Hummingbird*, a tensão facial e o colar de espinhos sangrando a pele reforçam o desconforto físico e emocional. Em *Without Hope*, a expressão cansada, com olhos semicerrados, sugere exaustão e impotência. **Relação com a condição ocular do artista:** Embora Frida Kahlo não tenha sido formalmente diagnosticada com doenças oftalmológicas específicas, sua obra revela um uso expressivo da região dos olhos como metáfora de dor. As constantes cirurgias, os longos períodos de imobilização e a exposição à dor crônica afetaram profundamente sua percepção corporal e possivelmente sensorial. A ênfase visual em olhos lacrimejantes, semicerrados ou submetidos a tensão facial pode ser interpretada como representação da dor irradiada para a face, do desconforto visual ou da vigilância interior constante, típica de quem convive com sofrimento contínuo. **Elementos simbólicos e subjetivos ligados à percepção visual:** Nos autorretratos, os olhos transcendem a anatomia e assumem papel simbólico central. Em *Diego and I*, o

“terceiro olho” na testa representa a presença opressora de Diego Rivera e a dor emocional provocada por esse relacionamento. Em *The Broken Column*, as lágrimas representam mais do que dor física — elas revelam o desespero e a solidão da artista diante de sua fragilidade. O olhar direto, quase desafiador, em *Self-Portrait with Thorn Necklace and Hummingbird* sugere resistência, contenção e uma forma silenciosa de enfrentamento. Em *Without Hope*, a diminuição da abertura ocular transmite desistência e perda de controle. Em todas as obras, a dor é vista tanto como aflição física quanto como sofrimento emocional, transformada em linguagem visual por meio da repetição simbólica dos olhos e do olhar como espelho da alma. **DISCUSSÃO:** A abordagem deste capítulo visou compreender a dor ocular como elemento simbólico nas obras de Frida Kahlo, partindo do princípio de que a dor crônica, mesmo sem etiologia oftalmológica precisa, pode ser representada visualmente de modo poderoso e subjetivo. Ao transformar suas experiências corporais em arte, Frida constrói uma narrativa pictórica que amplia a compreensão médica e humanística da dor. De acordo com o *AMA Journal of Ethics* (2021), “a arte de Frida não apenas retrata sua dor ela a dignifica.” Essa dignificação estética do sofrimento está presente em diversos autorretratos, onde os olhos muitas vezes marejados, destacados ou associados a símbolos, tornam-se veículo de expressão de sofrimento físico e emocional. Como observado em *The Broken Column* (1944), a combinação entre lágrimas visíveis e expressão facial rígida remete a uma dor intensa que extrapola o físico e atinge a alma. TURKHEIMER *et al.* (2022), em uma análise quantitativa das cores nos autorretratos da artista, demonstraram que “o uso intensificado de tons vermelhos e amarelos está correlacionado com autorretratos pintados durante períodos de dor mais intensa.” Isso confirma que há uma intencionalidade cromática na obra de Frida que corresponde ao estado de sofrimento relatado em sua biografia sendo os olhos uma das principais áreas de concentração emocional e simbólica. Ainda que Frida Kahlo não tenha apresentado diagnóstico oftalmológico confirmado, seu uso recorrente da região ocular como ponto de sofrimento sugere uma associação subjetiva entre o olhar e a dor. Courtney, O’Hearn e Franck (2017) destacam que “a representação dos olhos transmite mais do que anatomia; ela captura o sofrimento em sua dimensão mais íntima.” Assim, mesmo sem evidência clínica objetiva, Frida inscreve no olhar a representação simbólica da dor. A aplicação dessa análise no ensino médico é relevante. A observação das obras de Frida oferece aos estudantes uma oportunidade de desenvolver escuta sensível e empatia diante de queixas subjetivas, como dor crônica e sintomas visuais sem substrato anatômico claro. O *AMA Journal of Ethics* enfatiza que “a obra de Kahlo desafia os médicos a enxergarem além dos sinais clínicos e a considerarem as dimensões emocionais e existenciais da doença.” Em *Diego and I* (1949), o uso do “terceiro olho” no rosto de Diego Rivera cravado na testa de Frida aprofunda essa dimensão simbólica. Ele representa não apenas vigilância, mas uma dor psíquica constante e internalizada. A metáfora visual do olhar que nunca repousa, sempre vigiado e atravessado pela angústia do outro, reforça a ideia de que os olhos, em sua obra, são também espelhos da alma fragmentada. É importante reconhecer que a análise aqui apresentada possui limitações, sobretudo pela ausência de prontuários médicos formais e pela subjetividade interpretativa. No entanto, como afirma Gamble (2002), “seu sofrimento ortopédico está claramente refletido na evolução temática de suas pinturas”, permitindo infe-

rências plausíveis sobre a ligação entre dor e forma. A triangulação entre dados biográficos, estudos artísticos e percepção médica amplia o entendimento do olhar como linguagem do sofrimento humano. **CONCLUSÃO:** A partir da análise das obras de Frida Kahlo, ficou evidente que a dor, especialmente a dor ocular, transcende a simples manifestação física, assumindo um papel simbólico e expressivo fundamental em sua produção artística. Os autorretratos da artista revelam um universo visual onde o sofrimento se comunica por meio dos olhos, das lágrimas e das múltiplas camadas de significado que transcendem o plano anatômico, alcançando dimensões emocionais e psíquicas profundas. Esse estudo interdisciplinar demonstra a relevância de abordagens que unem arte e medicina para ampliar a compreensão da dor como experiência complexa, subjetiva e multifacetada. A representação da dor ocular nas pinturas de Kahlo oferece uma oportunidade valiosa para refletir sobre a escuta sensível e o cuidado humanizado na prática médica, especialmente na oftalmologia. Por fim, ressalta-se que a arte, ao expressar a dor de forma simbólica, pode contribuir significativamente para a formação de profissionais de saúde mais empáticos, capazes de reconhecer as nuances da experiência do sofrimento e de promover um atendimento que valorize a dimensão humana do paciente.

REFERÊNCIAS

1. COURTNEY, C. A.; O'HEARN, M. A.; FRANCK, C. C. Frida Kahlo: portrait of chronic pain. *Physical Therapy*, Oxford, v. 97, n. 1, p. 90–96, 2017. DOI: <https://doi.org/10.2522/ptj.20150252>.
2. GAMBLE, J. G. Frida Kahlo: her art and her orthopedics. *Pharos of Alpha Omega Alpha Honor Medical Society*, Menlo Park, v. 65, n. 3, p. 17–21, 2002.
3. KRON, E. Pain and the paintbrush: the life and art of Frida Kahlo. *AMA Journal of Ethics*, Chicago, v. 23, n. 3, p. 220–226, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1001/amajethics.2021.220>.
4. MALMBORG, A. S. Frida Kahlo transformed her pain into poetic art. *Lakartidningen*, Estocolmo, v. 94, n. 48, p. 4468–4470, 1997.
5. TURKHEIMER, F. E. *et al.* The art of pain: a quantitative colour analysis of the self-portraits of Frida Kahlo. *Frontiers in Human Neuroscience*, Lausanne, v. 16, article 1013171, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3389/fnhum.2022.1013171>.

CAPÍTULO 7

EL GRECO E O MUNDO INCLINADO

Quando o astigmatismo vira estilo.

Camila Mourão Araujo Borges¹
Patrícia Roberta dos Santos²

¹Acadêmica de Medicina pela Faculdade ZARNS Itumbiara (2023–2028).

²Docente do Curso de Medicina da Faculdade ZARNS Itumbiara.

Palavras-chave: Astigmatismo; Oftalmologia; Percepção Visual; Arte.

RESUMO

INTRODUÇÃO: El Greco foi um pintor renascentista greco-espanhol reconhecido por suas representações de figuras humanas alongadas. Durante décadas, esse estilo singular foi atribuído à possibilidade de um astigmatismo ocular. Contudo, essa hipótese tem sido amplamente debatida em estudos científicos e historiográficos. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo, com abordagem histórico-visual. Foram realizadas análise iconográfica de quatro obras e revisão narrativa da literatura científica e artística. As obras, datadas entre 1577 e 1614, foram obtidas em acervos digitais de museus. **RESULTADOS:** A análise revelou padrões recorrentes de alongamento e distorção anatômica, que podem refletir tantas alterações perceptivas (como o astigmatismo) quanto intencionalidade simbólica e espiritual. **DISCUSSÃO:** A hipótese do astigmatismo como influência estética é explorada, embora não haja confirmação clínica. A análise interdisciplinar contribui para o ensino médico, promovendo empatia e integração entre ciência e expressão artística. **CONCLUSÃO:** A interface entre arte e oftalmologia amplia a compreensão da obra de El Greco e fortalece a arte como ferramenta formativa e expressiva da experiência humana.

INTRODUÇÃO: Doménikos Theotokópoulos (1541-1614), conhecido como El Greco, é considerado um dos grandes nomes do Renascimento espanhol. Nascido em Creta, desenvolveu um estilo maneirista inconfundível, marcado por figuras alongadas, rostos estreitos e composições verticais, com forte carga emocional e espiritual. Influenciado pela escola veneziana, incorporou cores vibrantes, luz dramática e dinamismo formal à sua pintura (CUMMINGS, 2015). Desde o início do século XX, estudiosos e oftalmologistas propuseram teorias que associam as distorções anatômicas de suas obras a condições visuais, como o astigmatismo. Em 1913, o oftalmologista Germán Beritens sugeriu que a distorção perceptiva causada por essa condição refrativa poderia justificar o estilo alongado do artista (MRITTIKA; HONAVAR, 2022). No entanto, essa hipótese é alvo de contestações (SANTOS-BUESO *et al.*, 2016). A escolha de El Greco como objeto deste estudo justifica-se por sua relevância histórica e pela pertinência de sua obra no debate interdisciplinar entre arte e medicina. Poucos artistas suscitaram tantas discussões sobre a relação entre percepção visual e expressão estética (MRITTIKA; HONAVAR, 2022). Assim, El Greco é um ponto de convergência ideal para investigar como alterações visuais reais ou supostas podem influenciar escolhas formais (CUMMINGS, 2015). Sob uma perspectiva clínica e humanística, investigar a possibilidade de astigmatismo em El Greco permite refletir sobre como condições visuais podem impactar a construção estética. BOGDANICI *et al.* (2021) analisaram patologias oculares em pintores e destacaram El Greco como caso relevante, sugerindo que a alongação de suas figuras poderia refletir adaptações perceptivas. Ainda que se reconheça a intencionalidade estética, a investigação da dimensão visual contribui para um olhar mais abrangente sobre a produção artística. Este estudo tem como objetivo analisar, sob uma abordagem interdisciplinar entre arte e medicina, a hipótese do astigmatismo como possível fator na construção estilística de El Greco, articulando aspectos visuais, simbólicos e estéticos de sua obra. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter descritivo-analítico e abordagem interdisciplinar, que integra fundamentos das áreas de história da arte, neurociência e oftalmologia. A investigação foi conduzida em duas etapas complementares: análise iconográfica de obras de El Greco e revisão narrativa da literatura científica e artística. A análise iconográfica concentrou-se em quatro pinturas do período entre 1577 e 1614, fase de maturidade do artista e consolidação de seu estilo alongado. As obras selecionadas foram *El Entierro del Conde de Orgaz*, *View of Toledo*, *Laocoön* e *El Expolio*. As imagens foram obtidas em acervos digitais oficiais, como o *The Metropolitan Museum of Art*, *National Gallery of Art* e *Catedral de Toledo*, com critérios de autenticidade, boa resolução e identificação técnica confirmada. Paralelamente, realizou-se uma revisão narrativa da literatura nas bases *PubMed*, *Scopus*, *Web of Science*, *SciELO* e *Google Scholar*, entre abril e junho de 2025. Os descritores utilizados, em inglês e português, foram: “El Greco”, “astigmatism”, “visual perception”, “optical distortion”, “artistic expression” e “ophthalmologic diseases in artists”, combinados por operadores booleanos. Foram incluídas publicações entre 2014 e 2025, tais como artigos científicos, revisões, ensaios históricos e livros especializados. Entre as limitações do estudo, destaca-se a ausência de registros médicos oficiais sobre o estado visual de El Greco, bem como a subjetividade inerente à análise retrospectiva de obras de arte. Ainda assim, a triangulação entre fontes artísticas, médicas e historiográficas permite interpretações plausíveis sobre a influência perceptiva em sua linguagem visual (**Figura 7.1**).

Figura 7.1 El Entierro del Conde de Orgaz 1586–1588, óleo sobre tela, Iglesia de Santo Tomé, Toledo, Espanha



Fonte: Cervantes Virtual. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Enterro_do_Conde_de_Orgaz.

Nesta obra, observa-se uma clara separação entre o plano terreno e o celestial. As figuras espirituais do topo possuem corpos longilíneos, rostos estreitos e orientação ascendente. A verticalidade extrema pode refletir uma distorção perceptiva, ou uma intenção simbólica de elevação espiritual (**Figura 7.2**).

Figura 7.2 View of Toledo c. 1600, óleo sobre tela, The Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA



Fonte: The Met Museum. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/436575>.

A paisagem urbana apresenta deformações verticais nas construções, sugerindo um olhar subjetivo e uma possível percepção visual alterada. A angulação das formas arquitetônicas é compatível com distorções associadas ao astigmatismo (**Figura 7.3**).

Figura 7.3 Laocoön 1610–1614, óleo sobre tela, National Gallery of Art, Washington, EUA



Fonte: National Gallery of Art. Disponível em:

https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:El_Greco_%28Domenikos_Theotokopoulos%29_-_Laocoön_-_Google_Art_Project.jpg.

As figuras mitológicas mostram músculos esticados, corpos torcidos e cabeças pequenas, em uma composição carregada de dramaticidade. O estilo reforça a expressividade emocional do artista e a distorção como recurso visual deliberado (**Figura 7.4**).

Figura 7.4 El Expolio 1577–1579, óleo sobre tela, Catedral de Toledo, Espanha



Fonte: Toledo Guia Turística e Cultural. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:El_Expolio_del_Greco_Catedral_de_Toledo.jpg.

A figura central de Cristo tem proporções elevadas e destaque visual. Os rostos ao redor compartilham estilização afilada. A coerência interna do estilo revela o uso da alongação como ferramenta estética e simbólica. **Síntese visual dos achados:** As obras analisadas compartilham elementos recorrentes: alongação de corpos e rostos; ênfase vertical nas composições; distorção anatômica afastada da proporção natural; representações organizadas em eixo espiritual-ascendente. Tais características podem ser interpretadas como estratégias expressivas conscientes ou como reflexo de uma percepção visual distorcida, como a provocada por astigmatismo. **DISCUSSÃO:** Este estudo propôs uma análise interdisciplinar entre arte e oftalmologia, explorando a possibilidade de que a distorção formal nas obras de El Greco — especialmente a alongação e verticalização das figuras — esteja associada a uma percepção visual alterada, como no astigmatismo. Embora não haja comprovação clínica da condição no artista, a investigação iconográfica permite considerar essa hipótese como relevante para a compreensão estética de sua obra. As quatro obras selecionadas apresentam distorções consistentes, que podem ser relacionadas a fenômenos visuais comuns no astigmatismo. ZHANG *et al.* (2023) demonstram que essa condição pode causar percepção deformada de formas verticais, o que se alinha às representações alongadas de El Greco. No entanto, outros estudiosos, como Simunovic (2014), advertem sobre a chamada “falácia de El Greco”, destacando que uma distorção visual não necessariamente se traduziria em uma distorção na obra, pois o artista também veria a tela distorcida, o que compensaria o efeito final. A hipótese oftalmológica, ainda que não comprovada, permanece válida como recurso pedagógico. A articulação entre alterações visuais e linguagem estética ajuda a promover empatia no ensino médico, valorizando a sensibilidade do olhar como instrumento de interpretação clínica e simbólica. A análise iconográfica, quando integrada ao conhecimento científico, revela a complexidade das experiências perceptivas humanas, como defende Pinotti (2015), ao compreender a arte como extensão do corpo que vê. Outros casos semelhantes fortalecem essa abordagem. Claude Monet, por exemplo, apresentou alterações significativas em sua paleta e forma após o avanço da catarata. Edgar Degas, por sua vez, teve sua obra impactada pela degeneração macular. Em ambos os casos, como em El Greco, a arte tornou-se expressão sensível de uma condição oftalmológica, ainda que estilizada. Para os profissionais de saúde, especialmente da oftalmologia, esse tipo de análise amplia a percepção sobre o impacto das doenças visuais na subjetividade do paciente. BOGDANICI *et al.* (2021) reforçam que patologias oculares moldaram profundamente a produção artística de diversos pintores, o que fortalece a integração entre arte, clínica e ensino. Apesar da ausência de registros médicos sobre El Greco, e do caráter especulativo da análise, este estudo contribui para o debate sobre como a percepção visual pode dialogar com a criação artística. A interpretação crítica e contextualizada, sem reducionismos, permite que se explorem novos caminhos entre ciência e estética. **CONCLUSÃO:** A análise iconográfica de obras representativas de El Greco demonstrou a presença constante de padrões visuais marcantes, como a alongação das figuras, a verticalização das composições e a distorção proporcional dos corpos. Tais características dialogam diretamente com fenômenos visuais típicos do astigmatismo, embora também possam ser entendidas como escolhas simbólicas e estéticas conscientes. Embora não existam evidências clínicas que confirmem a presença

de astigmatismo em El Greco, a hipótese continua relevante como recurso interpretativo, especialmente em contextos educacionais e interdisciplinares. O cruzamento entre arte e oftalmologia revelou-se fértil ao estimular reflexões sobre a subjetividade da percepção visual e sua influência na linguagem artística. A proposta deste estudo foi oferecer uma leitura que ultrapassa as fronteiras entre medicina e humanidades, contribuindo tanto para o ensino sensível da clínica ocular quanto para a crítica de arte. Ao reconhecer na obra de El Greco uma possível intersecção entre fisiologia visual e intenção estética, valoriza-se a arte como expressão integral da experiência humana em que ver e representar são atos entrelaçados pela complexidade da visão, do sentir e do simbolizar.

REFERÊNCIAS

1. BOGDANICI, C.; PAVEL, I. A.; ANDRONIC, D. G. The influence of ophthalmological diseases on the vision quality of famous painters. *International Ophthalmology*, v. 41, n. 10, p. 3655–3665, dez. 2021.
2. CUMMINGS, A. The El Greco enigma. *European Society of Cataract and Refractive Surgeons – ESCRS*, 2015.
3. MRITTIKA, S.; HONAVAR, S.G. The eye in the artist. *Indian Journal of Ophthalmology*, v. 70, n. 9, p. 3515–3521, 2022.
4. PINOTTI, A. El Greco at the Ophthalmologist's. *Predella*, n. 35, p. 3–23, 2015.
5. SANTOS-BUESO, E. *et al.* El falso astigmatismo de El Greco cien años después y la nueva falacia. *Boletín de la Sociedad Oftalmológica de Madrid*, n. 56, 2016.
6. SIMUNOVIC, M. P. The “El Greco fallacy” fallacy. *JAMA Ophthalmology*, v. 132, n. 4, p. 491–494, abr. 2014.
7. ZHANG, J. *et al.* Epidemiologia e carga do astigmatismo: uma revisão sistemática da literatura. *Optometria e Ciência da Visão*, v. 100, n. 3, p. 218–231, mar. 2023.

CAPÍTULO 8

GOYA À MEIA-LUZ

A cegueira tardia de quem pintou até a escuridão.

Matheus Barbosa Figueira Ramos¹

Patrícia Roberta Dos Santos²

¹Acadêmico de Medicina pela Faculdade ZARNS Itumbiara (2023–2028).

²Docente do Curso de Medicina da Faculdade ZARNS Itumbiara.

Palavras-chave: Cegueira Tardia; Oftalmologia; Percepção Visual; Arte.

RESUMO

INTRODUÇÃO: Este estudo investiga a influência da cegueira tardia de Francisco de Goya sobre sua produção artística final, buscando integrar saberes da oftalmologia e da história da arte. Partindo da hipótese de que alterações visuais progressivas afetaram não apenas a técnica, mas também os temas e símbolos de suas obras, o trabalho propõe uma leitura médico-humanística do artista em sua fase crepuscular. **METODOLOGIA:** A metodologia consistiu na análise iconográfica e formal de obras selecionadas, confrontadas com dados clínicos, registros históricos e literatura científica sobre possíveis causas do comprometimento visual de Goya, como catarata senil, neuropatia óptica e efeitos tóxicos sistêmicos. **RESULTADOS:** Os resultados indicam forte correspondência entre déficits visuais e aspectos técnicos das pinturas tardias: paleta escurecida, perda de nitidez, centralização da luz e simplificação morfológica, além da recorrência de símbolos como cegueira, solidão e morte. **CONCLUSÃO:** A discussão reforça a relevância dessa abordagem para o ensino médico, especialmente nas áreas de oftalmologia, neurologia e humanização do cuidado, ao valorizar a experiência subjetiva da deficiência sensorial e sua expressão artística. Conclui-se que Goya ressignificou sua perda visual como potência criativa, transformando escuridão em linguagem estética. Sua trajetória revela que, mesmo diante do declínio dos sentidos, é possível continuar a ver com a alma.

INTRODUÇÃO: Francisco de Goya y Lucientes (1746–1828) é amplamente reconhecido como um marco na transição entre o neoclasicismo e a modernidade pictórica. Seu percurso artístico experienciou uma profunda mudança após um quadro neurológico severo em 1792–93, manifestado por cefaleia, ataxia, vertigem, alterações visuais e auditivas, resultando em surdez permanente e possível comprometimento oftalmológico. Estudos oftalmológicos sugerem que a evolução de seu estilo nas obras tardias esteve associada a uma condição visual, presumivelmente catarata senil de alto grau, associada a opacificação do cristalino e distorção de contornos e cores. A proposta de intersecção entre arte e oftalmologia, no contexto de Goya, configura-se como uma abordagem basilar para a análise médico-artística. Compreender como alterações patológicas do sistema visual – como opacidades lenticulares, neuropatias ópticas ou degenerações retinianas podem modular a percepção, adaptação sensorial e a memória visual do artista é fundamental. Além disso, teorias diagnósticas diversas, incluindo síndrome de Susac e intoxicação por quinino (cinchonismo), apresentam-se no escopo dos distúrbios concomitantes à surdez, que podem também envolver componentes visuais. A relevância desta análise é dupla: (a) sob a ótica clínica, contribui para a discussão sobre o impacto das doenças oculares e neurológicas na cognição visual e na plasticidade neuroperceptiva em idosos; (b) na dimensão humanística, enfatiza como a deficiência visual e a surdez influenciaram a gênese dos temas, técnicas e composição formal das pinturas negras (*Black Paintings*), marcadas pela densa penumbra e traços expressivos exemplificando o uso da arte como registro do sofrimento sensorial e existencial. Este capítulo propõe um objetivo claro e integrador: investigar, por meio de análise retrospectiva e multidisciplinar (oftalmologia, neurologia, história da arte, psicopatologia), as possíveis causas e repercussões da cegueira tardia de Goya, correlacionando dados clínicos históricos e patológicos com a análise formal e temática de suas obras finais. Almeja-se elucidá-los enquanto reflexos de uma adaptação neurosensorial às condições de perda visual e auditiva, bem como ressaltar a resiliência criativa que levou o artista a continuar pintando agora, metaforicamente, “com os olhos da memória e da escuridão”. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo, retrospectivo e descritivo, com abordagem médico-humanística, voltado à análise iconográfica de obras do artista espanhol Francisco de Goya y Lucientes (1746–1828), sob a ótica da oftalmologia e da neurociência. O objetivo foi investigar a possível influência de alterações visuais tardias na configuração estética e simbólica de sua produção final. A seleção das obras concentrou-se no período entre 1792 e 1823, fase posterior ao agravamento de seu estado de saúde, quando surgiram manifestações clínicas compatíveis com distúrbios neurosensoriais e declínio visual progressivo. As imagens foram obtidas a partir de acervos digitais oficiais de museus como Museu do Prado, Instituto de Artes de Minneapolis e Museu de Zaragoza, além de catálogos especializados e publicações acadêmicas. A análise iconográfica baseou-se em critérios formais (uso de cores, nitidez, luz, morfologia e profundidade de campo) e temáticos (motivos recorrentes, simbolismo visual, expressão subjetiva), sendo realizada de modo comparativo entre as obras tardias. Esses achados foram triangulados com dados da literatura científica, relatos históricos e hipóteses diagnósticas descritas em estudos anteriores. A revisão bibliográfica narrativa foi conduzida entre junho e julho de 2025 nas bases *PubMed*, *Scopus* e *SciELO*, com os descritores: *visual per-*

ception, blindness, Goya, art and disease, combinados com operadores booleanos. Foram incluídos artigos publicados entre 2015 e 2023, além de referências clássicas relevantes ao tema. As limitações do estudo incluem a ausência de registros oftalmológicos diretos e a subjetividade inerente à análise retrospectiva. Ainda assim, a metodologia adotada permitiu inferências plausíveis sobre a interação entre o declínio visual e a transformação estética das obras finais de Goya. **RESULTADOS:** Foram selecionadas sete obras do período tardio de Francisco de Goya (1819–1823), fase na qual se presume a ocorrência de comprometimento visual progressivo. A análise iconográfica permitiu identificar alterações técnicas e simbólicas compatíveis com distúrbios oftalmológicos, como perda de nitidez, paleta escurecida, simplificação morfológica e centralização de luz. A seguir, a **Tabela 8.1** apresenta uma síntese técnico-visual das principais obras, descrevendo características formais, simbólicas e possíveis relações com a condição ocular do artista:

Tabela 8.1 Obras tardias de Francisco de Goya: aspectos técnicos, visuais e simbólicos associados ao declínio ocular

Obra	Dados técnicos	Achados Visuais/artísticos	Relação com a condição ocular	Elementos simbólicos e subjetivos
1-Atropos (Las Parcas)	c. 1819–23, óleo sobre reboco transferido a tela (123×266 cm), Museu do Prado, Madrid.	Predominância de negros e ocre, pinceladas soltas e textura espessa (impasto) conferindo atmosfera opressiva.	A paleta reduzida e limites visuais borrados podem refletir dificuldade de percepção de cores e contornos causada por catarata ou degeneração retiniana.	Tetralogia da morte e destino; figuras esquemáticas evocam cegueira ou confusão visual interior.
2-Men Reading (Hombres leyendo)	c. 1820–23, óleo sobre reboco transferido, 126×66 cm, Museu do Prado.	Composição centra figuras semi-ocultas, rostos no escuro, luz incerta incidindo lateralmente.	Visão reduzida ao contraste direcional, possível compensação visual com fonte de luz específica.	Leitura como metáfora da busca por clareza; figuras quase indistintas simbolizam limites da percepção.
3-La Leocadia	c. 1819–23, mural transferido (145,7×129,4 cm), Prado.	Figura iluminada por chiaroscuro; pinceladas soltas sugerindo contornos incertos.	Contraste de luz e sombra pode simular adaptação do pintor a condições de baixa visão, realçando figuras com luz forte.	A figura introspectiva evoca melancolia, o íntimo e a incapacidade de enxergar o futuro com clareza.
4-The Dog (O Cão)	c. 1819–23, mural transferido (145,7×129,4 cm), Prado	Composição minimalista, quase abstração visual, campo visual vazio sublinha figura emergente.	Simboliza o foco reduzido do pintor; visão periférica prejudicada concentrada em formas essenciais.	O cão, isolado na escuridão, representa alienação sensorial e emocional, e perda de referências visuais.
5-Witches' Sabbath	c. 1820–23, óleo transferido (140×438 cm), Prado.	Cores escuras e figuras grotescas; luz difusa e luz de fundo baixa enfatizam atmosfera sombria.	Observação de detalhes visuais comprometida: artistas com visão reduzida tendem a simplificar formas e contrastes pesados.	Simbolismo de superstição, irracionalidade visual – “quando o sono da razão gera monstros”.
6-A Pilgrimage to San Isidro	c. 1819–23, óleo sobre reboco transferido (140×438 cm), Prado.	Cena em tons escuros, figuras indistintas, horizonte nebuloso, atmosfera opaca e indistinta de massa.	Demonstra limitante na resolução de detalhes e profundidade de campo, como em catarata avançada.	Multidão indistinta aponta para visão embaçada sobre mundo social e político.

Fonte: Elaboração própria com base nas obras de Francisco de Goya e nas análises de PINOTTI (2015), BOGDANICI *et al.* (2021), CUMMINGS (2015), entre outros.

As figuras a seguir ilustram as obras analisadas, reforçando visualmente as observações técnicas destacadas na tabela. Pode-se notar, por exemplo, em *Atropos (Las Parcas)*, o uso de tons ocres e pretos com figuras diluídas no escuro, sugerindo perda de contraste visual. Em *The Dog (O Cão)*, a ausência de elementos periféricos e a centralização em uma figura mínima podem refletir visão tubular ou escotomas periféricos. Em *Witches' Sabbath*, a composição grotesca e de baixa nitidez sugere perda de resolução visual e adaptação estética. Já em *La Leocadia*, a figura iluminada em meio à penumbra remete à tentativa de compensar a baixa acuidade visual com contraste focalizado. A disposição das figuras (**Figuras 8.1 a 8.7**) permite observar de forma comparativa a progressiva transformação visual e simbólica da obra de Goya diante da provável deterioração ocular.

Figura 8.1 *Atropos (Las Parcas)*, Francisco de Goya, 1820–1823



Fonte: Museu do Prado. Disponível em:
https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Atropos_o_Las_Parcas.jpg.

Figura 8.2 *A Pilgrimage to San Isidro*, Francisco de Goya, 1820–1823



Fonte: Museu do Prado.
Disponível em: <https://www.franciscogoya.com/the-pilgrimage-to-san-isidro.jsp>

Figura 8.3 *Men Reading (Hombres leyendo)*, Francisco de Goya, 1820–1823



Fonte: Museu do Prado. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Men_Reading.

Figura 8.4 *The Dog (O Cão)*, Francisco de Goya, 1820–1823



Fonte: Museu do Prado. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Cão_%28Goya%29.

Figura 8.5 *La Leocadia*, Francisco de Goya, 1820–1823



Fonte: Museu do Prado. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Francisco_de_Goya_y_Lucientes_-_Manola_%28La_Leocadia%29_-_WGA10107.

Figura 8.6 *Saturn Devouring His Son*, Francisco de Goya, 1820–1823



Fonte: Museu do Prado. Disponível em: <https://www.franciscogoya.com/saturn-devouring-his-son.jsp>

Figura 8.7 *Witches' Sabbath*, Francisco de Goya, 1820–1823



Fonte: Museu do Prado.

Disponível em: <https://www.franciscogoya.com/witches-sabbath.jsp>

DISCUSSÃO: A presente discussão investigou, sob uma lente interdisciplinar, os efeitos da cegueira tardia de Francisco de Goya sobre sua produção artística final, relacionando aspectos clínicos da oftalmologia com elementos estéticos, simbólicos e expressivos da arte. O objetivo central foi evidenciar como o declínio visual, longe de silenciar o artista, operou como catalisador de um novo repertório imagético, rico em densidade subjetiva e profundidade existencial. Tal análise revela-se particularmente relevante para o campo da medicina, pois valoriza a interface entre sofrimento físico, neurovisual e produção simbólica, promovendo uma visão integral do adoecer. Entre os principais achados, destacam-se o uso recorrente de paleta escurecida e contrastes tenebrosos nas obras tardias, a simplificação morfológica e a centralização da luz em figuras isoladas, a redução da profundidade de campo, da nitidez periférica e da distinção cromática, além da presença de temas como cegueira, introspecção, solidão e morte, todos sugerindo uma subjetivação do déficit visual. Esses elementos estão em consonância com descrições oftalmológicas presentes na literatura médica. Ravin e Ravin (1999) relataram que Goya sofreu episódio grave aos 46 anos, com perda de visão e audição, sobrevivendo com surdez permanente e possível envolvimento visual secundário à doença sistêmica. PÉREZ-TRULLÉN *et al.* (2018) sugeriram catarata senil bilateral associada a degeneração visual,

capaz de explicar mudanças perceptivas e estéticas em suas obras tardias. Do ponto de vista neuropsicológico, a neuroadaptação à perda visual pode justificar a transição estilística observada, como evidenciam estudos sobre percepção artística em pacientes com deficiência visual adquirida (ZEKI, 2001; OSTROVSKY *et al.*, 2009). Essa convergência entre ciência e estética abre espaço para reflexões aplicadas ao ensino médico. Inserir a análise de casos históricos como o de Goya em programas de Graduação e residência contribui para o desenvolvimento de empatia clínica, pensamento interdisciplinar e valorização das experiências subjetivas dos pacientes. Compreender como indivíduos reelaboram perdas sensoriais em linguagem criativa amplia o olhar clínico sobre o impacto existencial das doenças. A proposta não visa substituir diagnósticos clínicos, mas enriquecer o repertório do profissional de saúde com sensibilidade artística, consciência histórica e capacidade de escuta subjetiva. Entretanto, é fundamental reconhecer os riscos e limites da análise retrospectiva. A ausência de registros médicos diretos de Goya impõe inferências baseadas em autorrelatos, cartas, retratos e análise iconográfica. Existe o risco de superinterpretação ou anacronismo diagnóstico, além do viés interpretativo ao correlacionar estilo artístico exclusivamente com doenças orgânicas, desconsiderando contextos históricos, políticos e emocionais. Ainda assim, há benefícios claros nessa abordagem, especialmente quando usada como ferramenta formativa. Profissionais da saúde são incentivados a dialogar com produções culturais e artísticas, não apenas como forma de lazer ou distração, mas como instrumentos de leitura profunda das expressões humanas de dor, adaptação e criação. Em contextos como oftalmologia, neurologia e psiquiatria, tal abordagem pode fomentar um cuidado mais atento às dimensões simbólicas e emocionais do adoecer. Recomenda-se a inclusão de discussões em seminários e clubes de caso que envolvam arte e medicina, o uso da biografia artística de Goya para ilustrar adaptações neurovisuais em doenças crônicas e a valorização dos componentes simbólicos em relatos de pacientes com deficiências sensoriais. Entre as limitações desta abordagem, destaca-se a subjetividade inerente à análise estética e a dificuldade de estabelecer causalidade direta entre déficits visuais e decisões formais do artista. Sugere-se que estudos futuros ampliem essa análise a outros artistas com deficiências sensoriais documentadas, utilizando ferramentas como neuroimagem funcional, análise computacional de obras, relatos pessoais, dados genéticos, epidemiológicos ou toxicológicos, com vistas ao refinamento das hipóteses diagnósticas e compreensão ampliada da interface entre neurociência, arte e clínica. **CONCLUSÃO:** A investigação sobre a fase final da vida e obra de Francisco de Goya revelou uma notável correspondência entre suas possíveis alterações visuais e a transformação estética de seus quadros. Os principais achados como o uso de paleta escura, formas indefinidas, contraste acentuado e temas simbólicos densos sugerem que o artista pintava sob as limitações impostas pela perda progressiva da visão, muito provavelmente relacionada a catarata senil ou comprometimentos neurosensoriais. Essas marcas visuais e temáticas se alinham à hipótese de que sua cegueira não foi apenas física, mas também interpretada e ressignificada em sua linguagem artística. Ao unir elementos clínicos da oftalmologia com a análise crítica da produção pictórica de Goya, esta abordagem se destaca por sua originalidade e contribuição científica interdisciplinar. A leitura médico-humanística da obra propõe novas formas de entender a adaptação neuroperceptiva e o impacto sensorial no processo criativo. Além disso, oferece aos profissionais

da saúde e da arte um exemplo concreto de como o adoecimento pode se tornar matéria-prima de elaboração estética, possibilitando um diálogo sensível entre ciência, arte e subjetividade. Assim, Goya não apenas enfrentou a escuridão: ele a pintou, deu-lhe forma, textura e significado. Mesmo quando seus olhos falharam, sua visão interna permaneceu ativa profunda, inquieta e humana. Ver com os olhos da alma é, também, uma forma de cura.

REFERÊNCIAS

1. CHAN, S.; FRIEDLAENDER, G.; FRIEDLAENDER, L. Art in Science – Goya to Dr. Arrieta: An Illustration of Patient-Physician Trust. *Clinical Orthopaedics & Related Research*, [s. l.], 2020. DOI: <https://doi.org/10.1097/corr.0000000000001470>.
2. NAVARRO-CASTRO, C. Could neurological illness have influenced Goya's pictorial style? *Neuroscience and History*, [s. l.], v. 1, n. 1, 2013.
3. PARÉ, S. *et al.* Brain structural changes in blindness: a systematic review and an anatomical likelihood estimation (ALE) meta-analysis. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, [s. l.], v. 150, 2023. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2023.105165>.
4. PÉREZ-TRULLÉN, J. M. *et al.* Did poor eyesight influence Goya's late works? *Acta Ophthalmologica*, [s. l.], 2018.
5. RAVIN, J. G.; RAVIN, T. B. What ailed Goya? *Survey of Ophthalmology*, [s. l.], v. 44, n. 2, p. 163–170, 1999.
6. SOLEBO, A.; TEOH, L.; RAHI, J. Epidemiology of blindness in children. *Archives of Disease in Childhood*, [s. l.], v. 102, p. 853–857, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1136/archdischild-2016-310532>.
7. SUSANNA, R.; DE MORAES, C.; CIOFFI, G. *et al.* Why do people (still) go blind from glaucoma? *Translational Vision Science & Technology*, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 1, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1167/TVST.4.2.1>.
8. YAN, Q. *et al.* Deep-learning-based prediction of late age-related macular degeneration progression. *Nature Machine Intelligence*, [s. l.], v. 2, p. 141–150, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1038/s42256-020-0154-9>.

CAPÍTULO 9

SEURAT E O PONTO CEGO

O escotoma central entre cores e silêncios visuais.

Ana Karolina Alves Negri Antônio¹

Rogério Pacheco Rodrigues²

¹Acadêmica) de Medicina pela Faculdade ZARNS Itumbiara (2023–2028).

²Docente do Curso de Medicina da Faculdade ZARNS Itumbiara.

Palavras-chave: Escotoma Central; Acuidade Visual; Percepção Visual; Oftalmologia; Arte.

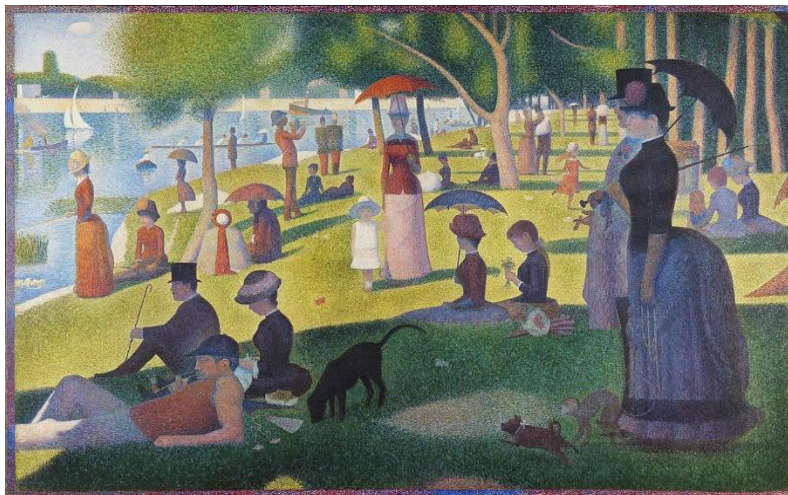
RESUMO

INTRODUÇÃO: Georges Seurat, pintor francês pioneiro do pontilhismo, desenvolveu uma técnica meticulosa baseada em pontos de cor justapostos. Investigações recentes sugerem que ele pode ter apresentado sintomas compatíveis com escotoma central, o que teria influenciado sua percepção e técnica pictórica. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo com abordagem histórico-visual. Realizou-se análise iconográfica de obras produzidas entre 1883 e 1891, com revisão narrativa da literatura científica recente (2020–2025) nas áreas de oftalmologia, neurociência visual e história da arte. **RESULTADOS:** Foram identificadas características visuais compatíveis com escotoma central nas obras finais de Seurat, como espaçamento incomum no centro das composições e ênfase cromática nas bordas. Essas alterações sugerem adaptação funcional à perda da visão central, com possível uso da visão periférica como estratégia criativa. **CONCLUSÃO:** A análise propõe que a técnica pontilhista tardia de Seurat pode ter sido uma resposta estética à sua limitação visual. A interseção entre arte e oftalmologia revela a potência criativa da deficiência sensorial e contribui para a humanização do cuidado oftalmológico.

INTRODUÇÃO: Georges Seurat (1859–1891), artista francês associado ao pós-impressionismo, é reconhecido pela invenção do pontilhismo, técnica em que pequenas manchas ou pontos de cores puras são aplicados lado a lado na tela, com o objetivo de formar composições vibrantes e harmoniosas pela justaposição óptica. Obras como *Um Domingo na Ilha de Grande Jatte* tornaram-se ícones da arte moderna ocidental. Nos últimos anos de sua vida, Seurat apresentou uma mudança progressiva em sua técnica e composição. A hipótese de que o artista teria desenvolvido um escotoma central falha na visão central causada por lesões maculares – lança nova luz sobre sua produção. Essa condição pode ter influenciado não apenas a forma como via o mundo, mas também como o traduzia visualmente. A relação entre oftalmologia e arte oferece caminhos inovadores para o entendimento da criação artística sob limitações sensoriais. Segundo SILVA e PEREIRA (2021), déficits visuais, como a perda da visão central, afetam diretamente a composição e escolha cromática de artistas. Analisar essas alterações pode contribuir para uma leitura mais empática e sensível da arte. O objetivo deste capítulo é investigar como a possível presença de um escotoma central impactou a obra de Seurat, articulando referências clínicas, artísticas e perceptivas. A partir dessa análise, pretende-se contribuir com o ensino médico humanizado e com o campo das artes visuais, valorizando a potência expressiva da deficiência sensorial. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter descritivo-analítico e abordagem interdisciplinar, que integra fundamentos das áreas de história da arte, neurociência visual, oftalmologia e percepção sensorial. A investigação foi conduzida em duas etapas complementares: análise iconográfica de obras de Georges Seurat e revisão narrativa da literatura científica e historiográfica. A análise iconográfica concentrou-se em pinturas produzidas por Seurat entre os anos de 1883 e 1891, com destaque para as obras *Um Domingo na Ilha de Grande Jatte* (1884–1886), *As Modelos* (1888), *O Circo* (1891) e *Canal em Gravelines* (1890). As imagens foram obtidas em acervos digitais oficiais, como o *Art Institute of Chicago*, *Musée d'Orsay*, *Barnes Foundation* e *Indianapolis Museum of Art*, seguindo critérios de autenticidade, qualidade de resolução e identificação técnico-cronológica. Simultaneamente, foi realizada uma revisão narrativa da literatura nas bases de dados *Pu-bMed*, *Scopus* e *Google Scholar*, utilizando os descritores em inglês: “central scotoma”, “visual perception”, “low vision” e “retinal disease”. Os critérios de inclusão abrangeram artigos científicos, revisões sistemáticas, estudos clínicos, livros especializados e publicações históricas relevantes, publicados entre 2000 e 2025, com ênfase em fontes recentes que abordam as implicações visuais de doenças maculares em artistas (MCLEOD et al., 2022; RIZZO et al., 2020). Entre as limitações desta análise, destaca-se a ausência de registros médicos formais sobre o estado ocular de Seurat, o que impede um diagnóstico clínico retrospectivo definitivo. Ainda assim, a triangulação entre dados estéticos, históricos e científicos possibilita inferências coerentes sobre o impacto do escotoma central em sua produção artística e contribui para o diálogo entre arte, medicina e educação humanizada (SILVA; PEREIRA, 2021; LEITE, 2018). **RESULTADOS:** As quatro obras analisadas foram: *Um Domingo na Ilha de Grande Jatte* (1884–1886, óleo sobre tela, Art Institute of Chicago), *As Modelos* (1888, óleo sobre tela, Barnes Foundation), *O Circo* (1891, óleo sobre tela, Musée d'Orsay) e *Canal em Gravelines* (1890, óleo sobre tela, Indianapolis Museum of Art). As obras foram selecionadas por sua relevância

histórica e por apresentarem traços representativos de diferentes fases da carreira do artista (**Figura 9.1**).

Figura 9.1 Um Domingo na Ilha de Grande Jatte (1884–1886) Georges Seurat. Óleo sobre tela. Art Institute of Chicago

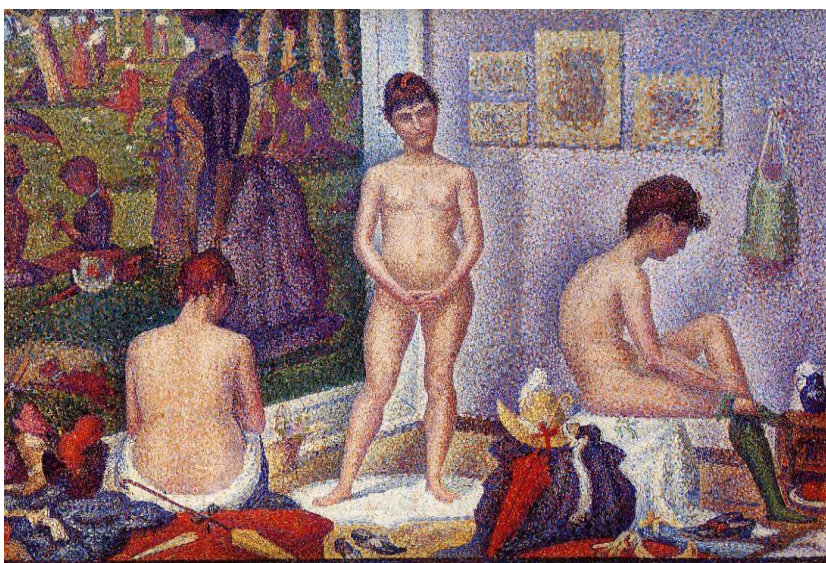


Fonte: ART INSTITUTE OF CHICAGO. A Sunday on La Grande Jatte.

Disponível em: <https://www.artic.edu/artworks/27992/a-sunday-on-la-grande-jatte>. Acesso em: 5 jul. 2025.

Nas obras iniciais, como Um Domingo na Ilha de Grande Jatte e As Modelos, nota-se alta densidade de pontos, rigor técnico e detalhamento harmônico em toda a superfície da tela. Já nas obras finais, como O Circo e Canal em Gravelines, observa-se espaçamento maior na região central, menor densidade de pontos nessa área e intensificação do contraste cromático nas bordas. Essas modificações indicam um possível redirecionamento visual, com ênfase periférica (**Figura 9.2**).

Figura 9.2 As Modelos (1888) Georges Seurat. Óleo sobre tela. Barnes Foundation

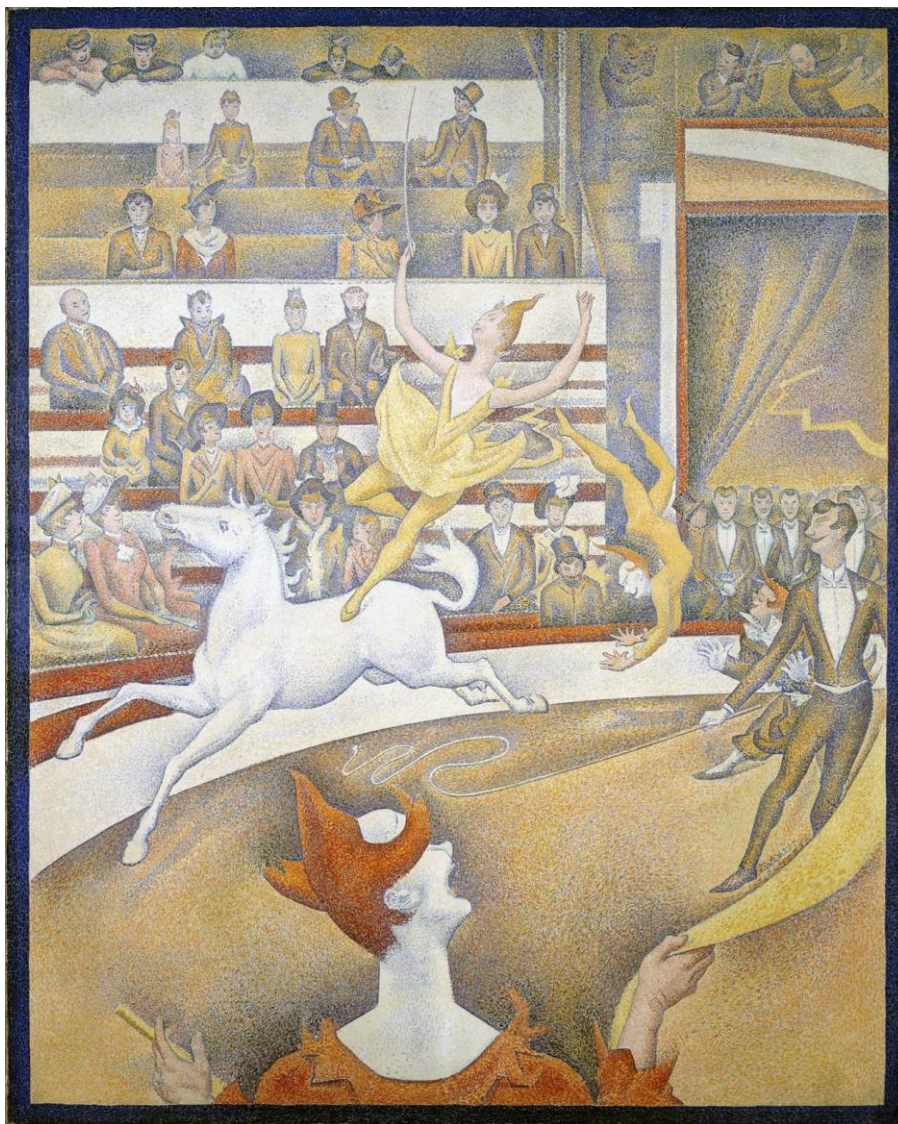


Fonte: BARNES FOUNDATION. The Models.

Disponível em: <https://www.artchive.com/artwork/the-models-georges-seurat-1887-88/>.

As alterações técnicas descritas são compatíveis com sintomas de escotoma central, como a perda da acuidade visual na região central da retina e o uso compensatório da visão periférica. A menor concentração de informação visual no centro das composições pode ser interpretada como uma resposta adaptativa à dificuldade de focalização central (RIZZO *et al.*, 2020; MCLEOD *et al.*, 2022) (**Figura 9.3**).

Figura 9.3 O Circo (1891) Georges Seurat. Óleo sobre tela. Musée d'Orsay



Fonte: MUSÉE D'ORSAY. Le Cirque.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Circo_%28Seurat%29.

Para além dos aspectos técnicos, as mudanças na composição também revelam um possível conteúdo simbólico. O “vazio central” e a intensificação das margens podem refletir a experiência subjetiva do artista diante da perda visual: o silêncio no foco e a exuberância nas bordas. A técnica pontilhista, que já valoriza a fragmentação, torna-se aqui um modo de traduzir plasticamente a fragmentação do olhar.

Figura 9.4 Canal em Gravelines (1890) Georges Seurat. Óleo sobre tela. Indianapolis Museum of Art



Fonte: INDIANAPOLIS MUSEUM OF ART. Georges Seurat. Canal in Gravelines. Disponível em: https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:1890_Seurat_Kanal_von_Gravelines_anagoria.

DISCUSSÃO: A análise iconográfica de obras tardias de Georges Seurat, aliada à revisão narrativa da literatura científica, sugere alterações visuais compatíveis com a presença de escotoma central. Essas transformações são especialmente perceptíveis na organização composicional e na distribuição cromática das pinturas realizadas entre 1888 e 1891, período marcado por mudanças estilísticas expressivas. Em *Um Domingo na Ilha de Grande Jatte*, observam-se padrões pontilhistas regulares, com equilíbrio na densidade visual entre o centro e as margens da tela. Já nas obras posteriores, como *O Circo* e *Canal em Gravelines*, nota-se uma redução na definição central e intensificação das bordas, o que pode refletir uma adaptação funcional à perda da visão central. De acordo com RIZZO *et al.* (2020), pacientes com escotoma central desenvolvem mecanismos compensatórios, como o uso da visão periférica para reconstrução do campo visual. FOA (2024) argumenta que essas adaptações não se limitam à esfera fisiológica, mas repercutem na produção estética, influenciando decisões composicionais e cromáticas. No caso de Seurat, a técnica pontilhista passa a enfatizar os limites laterais da cena, enquanto o centro da imagem apresenta espaçamentos maiores ou redução no detalhamento – configuração compatível com o uso inconsciente de estratégias perceptivas periféricas. MCLEOD *et al.* (2022) reforçam que alterações visuais como essas, quando incorporadas ao processo criativo, tornam-se parte constitutiva da linguagem do artista. No contexto de Seurat, a transformação estilística observada nos últimos anos de sua vida pode ser interpretada não apenas como evolução técnica, mas também como resposta sensorial à limitação visual progressiva. Do ponto de vista educacional,

essa leitura interdisciplinar possibilita ampliar a compreensão dos estudantes de Medicina e das áreas da saúde sobre as implicações subjetivas das doenças oculares. Como propõem SILVA, PEREIRA E LEITE (2021), a análise de obras criadas sob o impacto de deficiências visuais favorece a humanização do ensino médico, promovendo empatia, sensibilidade clínica e valorização da experiência do paciente. Apesar da ausência de documentação oftalmológica direta, a convergência entre evidências iconográficas, relatos históricos e literatura científica permite construir uma hipótese interpretativa consistente. Estudos futuros poderão utilizar recursos de simulação óptica ou realidade aumentada para aprofundar a compreensão sobre a percepção visual de artistas com escotomas centrais. A incorporação de outras trajetórias artísticas afetadas por distúrbios visuais, como as de Degas e Monet, poderá enriquecer o debate sobre neuroplasticidade, adaptação sensorial e potência criativa diante da adversidade. **CONCLUSÃO:** A análise iconográfica de quatro obras representativas de Georges Seurat, aliada à revisão narrativa da literatura científica, permite inferir uma possível relação entre a técnica pontilhista tardia do artista e os efeitos visuais decorrentes de um escotoma central. As modificações observadas nas composições, como o espaçamento ampliado no centro das telas e o reforço cromático nas bordas, sugerem uma adaptação funcional à perda da visão central, com uso compensatório da visão periférica. Mais do que um exercício diagnóstico retrospectivo, este estudo propõe uma leitura sensível da arte como linguagem de superação sensorial. A trajetória de Seurat revela como limitações visuais podem ser ressignificadas em potência estética, transformando a deficiência em expressão. Ao integrar conhecimentos de oftalmologia, neurociência e história da arte, este capítulo reafirma a importância de abordagens interdisciplinares no ensino médico humanizado. Compreender o olhar do artista diante da perda visual é também um convite à empatia clínica. Na medicina e na arte, ver além do visível é reconhecer a humanidade em sua plenitude. Em cada ponto cego, podem ser descobertas novas formas de enxergar o mundo.

REFERÊNCIAS

1. FOA, M.; GEORGES, S. New Haven: Yale University Press, 2024. Disponível em: <https://yalebooks.yale.edu/book/9780300266421/georges-seurat>.
2. LEITE, M. F. Arte e visão: a influência da deficiência visual na pintura moderna. São Paulo: Arte&Mente, 2018.
3. MCLEOD, J. *et al.* Visual adaptation strategies in age-related macular degeneration. *Visual Neuroscience*, v. 10, p. 50–60, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0952523822000042>.
4. RIZZO, S. *et al.* Central scotoma and visual perception: clinical implications for artists. *Ophthalmology and Visual Neuroscience*, v. 5, p. 112–120, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ovn.2020.03.005>.
5. SILVA, A. L.; PEREIRA, J. C. Degeneração macular e percepção visual na arte. *Revista Brasileira de Oftalmologia*, São Paulo, v. 78, n. 2, p. 123–130, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/rbo.v78n2>.

CAPÍTULO 10

BOURGEOIS E OS OLHOS DA MEMÓRIA

Esculturas feitas com a lente do trauma.

Maria Fernanda Pimentel Vinhadelli¹

Rogério Pacheco Rodrigues²

¹Acadêmica de Medicina pela Faculdade ZARNS Itumbiara (2024–2029).

²Docente do Curso de Medicina da Faculdade ZARNS Itumbiara.

Palavras-chave: Trauma; Simbolismo; Olho; Arte.

RESUMO

INTRODUÇÃO: Louise Bourgeois, renomada escultora e artista visual do século XX, expressou ao longo de sua carreira uma profunda relação entre arte, trauma e corpo. Suas obras frequentemente abordam temas de dor psíquica, memória e sofrimento, incluindo simbolismos visuais que podem ser interpretados como manifestações de angústias oculares. **METODOLOGIA:** Estudo qualitativo com abordagem histórico-visual e descritivo-analítica. Foram realizadas análise iconográfica e revisão narrativa da literatura científica e artística, com foco na simbologia da visão e do trauma em obras selecionadas de Bourgeois entre 1980 e 2008. **RESULTADOS:** Identificaram-se elementos simbólicos relacionados à cegueira, olhar fragmentado e desconforto visual, como olhos isolados, estruturas vazadas e esculturas envoltas por véus. **DISCUSSÃO:** As representações oculares em Bourgeois traduzem não apenas dor física, mas traumas emocionais internalizados, reforçando a dimensão subjetiva da visão. **CONCLUSÃO:** A análise revela como a linguagem visual de Bourgeois incorpora o sofrimento ocular como metáfora de sua psique fragmentada.

INTRODUÇÃO: Louise Bourgeois (1911–2010) foi uma das artistas mais impactantes do século XX, cuja obra transcende fronteiras entre o pessoal e o coletivo, o físico e o simbólico. Ao longo de sua carreira, explorou com intensidade temas como sexualidade, trauma, corpo, maternidade e memória. Particularmente em suas produções escultóricas e instalações, o olhar ora presente de forma hipervigilante, ora ausente ou fragmentado, surge como metáfora recorrente da dor psíquica. Embora não tenha apresentado doenças oftalmológicas documentadas como Claude Monet ou Edgar Degas, Bourgeois construiu uma iconografia visual marcada pela simbologia do ver e da cegueira emocional, evocando o sofrimento não do globo ocular, mas da subjetividade. A obra de Bourgeois vem sendo amplamente estudada a partir de perspectivas psicanalíticas e contemporâneas, que reconhecem em sua linguagem plástica uma forma de tradução do trauma. Schiller (2024) descreve sua produção como um processo de “reparação emocional”, enquanto Pierazzini (2019) associa os olhos em suas esculturas a manifestações da histeria psíquica e à dor simbólica da infância. Este capítulo propõe uma leitura interdisciplinar da obra de Louise Bourgeois, aliando arte, psicologia visual e simbolismo ocular. A partir da análise de obras produzidas entre 1980 e 2008, busca-se compreender como o sofrimento interno da artista é traduzido visualmente por meio de olhos isolados, véus, formas cegas e esculturas relacionadas à vigilância. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter descritivo-analítico e abordagem interdisciplinar, que integra fundamentos das áreas de história da arte, psicologia, teoria do trauma e semiótica visual. A investigação foi conduzida em duas etapas complementares: (1) análise iconográfica de obras escultóricas e instalações de Louise Bourgeois; e (2) revisão narrativa da literatura científica e crítica. A análise concentrou-se em esculturas produzidas entre 1980 e 2008, como *Eyes* (1982), *Eye Benches I* (1996–1997), *Eye Benches II* (1996–1997) e *Eyes* (2001), sem reprodução visual, mas com base em fontes confiáveis e descrições técnicas acessíveis em acervos museológicos e catálogos institucionais. A revisão narrativa foi realizada nas bases JSTOR, Scopus, Artstor e Google Scholar, com os descritores “Louise Bourgeois”, “trauma”, “eye”, “visual symbolism” e “body in art”. Foram incluídos artigos científicos, livros especializados e ensaios críticos publicados entre 2015 e 2025. Entre as limitações do estudo está a ausência de relatos autobiográficos da artista sobre aspectos visuais ou doenças oftalmológicas, sendo as interpretações fundamentadas em análises simbólicas e teóricas. **RESULTADOS:** As obras selecionadas para análise pertencem à fase madura de produção de Louise Bourgeois, abrangendo o período entre 1982 e 2001. Foram escolhidas pela forte presença de símbolos visuais relacionados ao olhar, à introspecção e à dor emocional. A seguir, descrevem-se quatro esculturas emblemáticas que exemplificam sua abordagem simbólica da visão e do trauma. **1. Eyes (1982). Material:** Mármore branco. **Local:** The Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA. Nesta obra, dois olhos cerrados são esculpidos de forma isolada e simétrica. A escolha do mármore remete à frieza e permanência do sofrimento, enquanto a ausência de pálpebras e expressão facial sugere introspecção, recolhimento e impossibilidade de ver. A escultura transmite silêncio psíquico e bloqueio sensorial. Está atualmente no acervo do Met, onde compõe exposições sobre escultura contemporânea e trauma simbólico no pós-guerra. **2. Eye Benches I (1996–1997). Material:** Granito preto. **Local:** Olympic Sculpture Park, Seattle Art Museum, EUA. Esta escultura em espaço público consiste em dois bancos em formato de olhos humanos monumentais.

Dispostos ao ar livre, os “olhos-bancos” criam um paradoxo entre repouso e vigilância. A ausência de pálpebras e a rigidez do granito transmitem alerta constante e exposição emocional. A obra está exposta permanentemente no parque escultórico do *Seattle Art Museum*, onde os visitantes interagem fisicamente com a escultura, sentando-se sobre os olhos — um gesto simbólico de inversão do olhar. **3. Eye Benches II (1996–1997). Material:** Granito preto. **Local:** *Princeton University Campus, Nova Jersey, EUA*. Versão ampliada da obra anterior, *Eye Benches II* reforça o tema da vigilância constante e da monumentalização da dor subjetiva. Os olhos esculpidos em granito, novamente desprovidos de pálpebras ou detalhes anatômicos, transmite uma visão impessoal, imóvel, que observa sem ver — uma metáfora para o trauma internalizado. A escultura encontra-se instalada no campus da Universidade de Princeton, em área de circulação pública. **4. Eyes (2001). Material:** Bronze. **Local:** *Storm King Art Center, Nova York, EUA*. Nesta instalação ao ar livre, dois olhos em bronze emergem do solo, parcialmente soterrados, como se pertencessem a uma entidade subterrânea. A posição rebaixada sugere ocultamento e vigilância dissimulada. O bronze, material resistente e atemporal, reforça o peso simbólico da memória emocional represada. A obra está em exposição permanente no *Storm King Art Center*, um dos maiores parques de escultura dos Estados Unidos. Síntese dos elementos recorrentes; as quatro obras compartilham características simbólicas fundamentais, como a **ausência de pálpebras**, que indica exposição e fragilidade emocional, a **duplicidade simbólica entre ver e não ver**, refletindo o trauma, o uso de **materiais rígidos e duráveis** como mármore, granito e bronze, que aludem à perenidade da dor, e a **interação com o público em espaços abertos**, expandindo o impacto subjetivo da obra para o ambiente coletivo; esses elementos apontam para um olhar moldado não por funcionalidade oftalmológica, mas por experiências emocionais condensadas em forma escultórica. O olho, em Bourgeois, não vê por necessidade física, mas por imperativo simbólico — observa o trauma, carrega a memória e denuncia a exposição da subjetividade ferida. **DISCUSSÃO:** A leitura simbólica do olhar nas obras de Louise Bourgeois revela como a artista transforma experiências traumáticas em linguagem escultórica (SCHILLER, 2017; VALLS, 2021). Seus olhos esculpidos não buscam representar a anatomia da visão, mas sim materializar uma percepção emocional, marcada por dor, introspecção e resistência. A ausência de pálpebras, por exemplo, transforma o olhar em metáfora da vigilância constante, da exposição subjetiva e da impossibilidade de descanso emocional. Essa recorrência visual sugere que o trauma, para Bourgeois, não está apenas no passado, mas permanece ativo como presença incorporada (PIERAZZINI, 2019). Obras como *Eye Benches* e *Eyes*, produzidas entre 1982 e 2001, permitem pensar o olhar como símbolo ambíguo, simultaneamente ativo e passivo. Ver e ser visto tornam-se gestos psíquicos, e não apenas sensoriais. Os olhos, dispostos em locais públicos e desprovidos de rostos, funcionam como dispositivos que traduzem a condição de vulnerabilidade constante da subjetividade ferida. Eles também encarnam a tensão entre a necessidade de esconder-se e a inevitabilidade de estar exposta ao olhar alheio, seja do outro, seja do próprio inconsciente (SCHILLER, 2024). Estudos contemporâneos apontam que a escolha dos materiais por Bourgeois, como o granito e o bronze, reforça a resistência da memória traumática e contribui para a construção de um corpo simbólico blindado, mas ainda vulnerável. A monumentalidade das esculturas transforma sentimentos invisíveis em formas que ocupam espaço público e psicológico

(VUONG; BATES, 2022). Esses elementos indicam uma tentativa de elaborar simbolicamente a dor, conferindo-lhe forma, textura e presença contínua (VALLS, 2021). A expressão do trauma, portanto, se realiza não apenas no conteúdo temático das obras, mas também na maneira como o corpo do espectador se relaciona com elas. Ao sentar-se sobre um olho esculpido, ou ao caminhar entre olhos emergentes do solo, o observador torna-se parte da narrativa simbólica. Essa imersão sensorial transforma a escultura em uma extensão da dor emocional compartilhada, deslocando a arte da contemplação para a vivência (SCHILLER, 2024; VUONG; BATES, 2022). **CONCLUSÃO:** A análise iconográfica das obras de Louise Bourgeois demonstrou que os símbolos oculares em sua produção não se limitam a referências visuais, mas funcionam como instrumentos de comunicação subjetiva. Por meio de esculturas que representam olhos isolados, rígidos e desprovidos de pálpebras, a artista exprime camadas profundas de dor, vigilância, repressão e introspecção. O olhar, em sua obra, é reconfigurado como metáfora da memória afetiva e do trauma internalizado. Em vez de ilustrar patologias visuais, como fizeram artistas como Monet ou Degas, Bourgeois transforma a visão em uma linguagem emocional, onde ver pode ser doloroso e não ver pode ser uma forma de proteção. Esse estudo contribui para o campo da arte e da saúde mental ao evidenciar como experiências psíquicas podem ser traduzidas em formas visuais. A obra de Bourgeois afirma a arte como espaço legítimo para a expressão de dores invisíveis e a escultura como meio potente de tornar visível o que habita o silêncio. Em sua poética, não se trata apenas de ver com os olhos, mas de compreender com o corpo e com a memória.

REFERÊNCIAS

1. PIERAZZINI, M. E. "The subject of pain is the business I am in": Louise Bourgeois and the iconography of hysteria. *IKON*, v. 12, p. 105–124, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1484/J.IKON.4.2019025>.
2. SCHILLER, B.-M. Figurability in the art of Louise Bourgeois. *American Imago*, v. 81, n. 3, p. 341–369, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1353/aim.2024.a940326>.
3. SCHILLER, B.-M. The primitive edge of creativity: Destruction and reparation in Louise Bourgeois's art. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, v. 65, n. 2, p. 283–310, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1177/0003065116687081>.
4. VALLS, A. A estrutura do trauma na estética de Louise Bourgeois: Cell (Choisy) (1990–3). *Porto Arte*, v. 26, n. 45, p. 1–20, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.117771>.
5. VUONG, L.; BATES, J. At home with the artist: Exploring the Louise Bourgeois Archive. *Word & Image*, v. 38, n. 1, p. 58–74, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/02666286.2021.194165>.

CAPÍTULO 11

DALÍ E AS ALUCINACÕES

Distorções visuais na criação surrealista.

Kaio Henrique de Araújo Rodrigues¹

André Gonçalves de Souza²

¹Acadêmico de Medicina pela Faculdade ZARNS Itumbiara (2021–2027).

²Residente do 3º ano de Psiquiatria pelo Hospital Universitário Maria Aparecida Pedrossian (HUMAP/UFMS).

Palavras-chave: Percepção Visual; Alucinações; Óptica.

RESUMO

INTRODUÇÃO: Este estudo investiga a influência da percepção psicovisual na produção artística de Salvador Dalí, com ênfase em possíveis alucinações visuais e distorções perceptivas interpretadas sob uma perspectiva neuro-oftalmológica. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo, com abordagem histórico-visual e caráter descritivo-analítico, estruturado em quatro fases metodológicas interdependentes: (1) seleção de obras de Dalí produzidas entre 1930 e 1955, com foco em *Metamorfose de Narciso*, *A Persistência da Memória* e *Corpus Hypercubus*; (2) curadoria imagética a partir de acervos oficiais como MoMA e *Tate Modern*; (3) revisão narrativa da literatura científica em bases como *PubMed*, *Scopus* e *SciELO*; e (4) análise iconográfica com base em triangulação entre evidências estéticas, registros históricos e estudos neurovisuais. **RESULTADOS:** As obras revelam o uso de ambiguidade visual, ilusões perceptivas e fragmentações anatômicas, como a duplicação de imagens, distorções temporais e símbolos relacionados ao olhar. Elementos como sombras, relógios derretidos e paisagens oníricas indicam influências de estados hipnagógicos e processos perceptivos subjetivos. **DISCUSSÃO:** A análise iconográfica sob a lente da neuro-oftalmologia e da psiquiatria permite inferir que as distorções visuais presentes na obra de Dalí não se limitam ao estilo artístico, mas podem refletir experiências perceptivas reais. O estudo reforça a importância de integrar arte e ciência na formação médica. **CONCLUSÃO:** Conclui-se que a produção de Dalí reflete não apenas sua imaginação onírica, mas também processos perceptivos complexos, abrindo espaço para reflexões interdisciplinares entre arte, neurociência e ensino médico humanizado.

INTRODUÇÃO: Salvador Dalí (1904–1989) é um dos nomes mais emblemáticos do surrealismo. Suas obras misturam realidade e sonho, técnica acadêmica e devaneio simbólico, gerando imagens perturbadoras e fascinantes. Desde *A Persistência da Memória* (1931) até trabalhos menos conhecidos como *Metamorfose de Narciso* (1937), Dalí explorou obsessivamente a instabilidade da percepção e a lógica do inconsciente. A análise de sua produção não pode, portanto, ignorar os aspectos neurológicos e psicológicos envolvidos na construção de seu universo imagético (POPOVIĆ, 2021). Unir arte e neuro-oftalmologia, especialmente no caso de Salvador Dalí, permite lançar luz sobre a influência de estados perceptivos alterados, como alucinações hipnagógicas sobre o processo criativo. Como observa Caraccio e Kryger (2023), o artista relatava frequentemente estados de devaneio induzidos pela vigília sonolenta, nos quais “imagens surgiam espontaneamente, muitas vezes com nitidez assustadora” (CARACCIO; KRYGER, 2023). Tais experiências contribuem para entender a gênese de obras altamente simbólicas e visualmente dissonantes. A relevância dessa análise reside tanto em seu potencial médico quanto em seu valor humanístico. Sob o olhar da neuro-oftalmologia, é possível interpretar elementos técnicos e estilísticos da obra de Dalí à luz de condições como escotomas, ilusões ópticas e processamento cerebral da imagem. Do ponto de vista humanístico, resgatar a relação entre percepção e criação artística ajuda a sensibilizar profissionais da saúde para os múltiplos modos de ver, e representar, o mundo. “A arte de Dalí, mesmo quando fragmentada, convida à contemplação do invisível” (MELIES; REFKY; MANSOOR, 2020). Diante disso, este artigo tem como objetivo investigar como Salvador Dalí utilizou elementos psicovisuais, como distorções perceptivas, ilusões e alucinações, para construir um repertório artístico único, e como esses elementos dialogam com princípios da neuro-oftalmologia contemporânea. Busca-se, ainda, discutir as implicações didáticas e clínicas desse estudo para o campo da saúde e da educação médica. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo, com abordagem histórico-visual e caráter descritivo-analítico, estruturado em quatro fases metodológicas interdependentes. Em um primeiro momento, procedeu-se à delimitação do objeto de estudo e do recorte temporal, elegendo-se a obra do artista Salvador Dalí como foco central da investigação. A seleção concentrou-se nas produções realizadas entre 1930 e 1955, período em que há indícios documentais ou estilísticos de uso intencional de distorções perceptivas e técnicas visuais ligadas a estados de consciência alterados. Na etapa subsequente, foi realizada a coleta e curadoria das imagens destinadas à análise iconográfica. As obras visuais utilizadas com fins ilustrativos foram obtidas por meio de acervos digitais de museus reconhecidos, como o *Museum of Modern Art* (MoMA) e a *Tate Modern*, além de bancos de imagens acadêmicos e fontes bibliográficas especializadas. A obra *Crucificação (Corpus Hypercubus)* foi analisada iconograficamente apenas no corpo textual, sem reprodução imagética, em respeito a restrições de direitos autorais. Entre as principais referências estão *Pictorial Multimodal Analysis of Selected Paintings of Salvador Dali* (MELIES; REFKY; MANSOOR, 2020) e *Marvels of Illusion: Illusion and Perception in the Art of Salvador Dalí* (MARTINEZ-CONDE et al., 2015). Em um terceiro momento, desenvolveu-se uma revisão narrativa da literatura científica. A busca bibliográfica foi realizada entre abril e junho de 2025, por meio das bases *PubMed*, *Scopus*, *SciELO* e *Google Scholar*, utilizando os descritores (MeSH/DeCS) “visual perceptions”, “hallucinations” e “optical illusions”. Foram incluídos artigos publicados entre 2015 e

2023, além de estudos anteriores considerados clássicos. Por fim, realizou-se a análise iconográfica, com foco em elementos como distorções nas proporções, imagens duplas ou ambíguas, referências ao olho e à visão, e representações de estados alucinatórios ou oníricos. A interpretação crítica baseou-se na triangulação entre evidências científicas atuais, registros históricos e observação estética das obras. Entre as limitações, destaca-se a ausência de laudos oftalmológicos oficiais e a subjetividade da análise retrospectiva. Ainda assim, a abordagem adotada permite inferências plausíveis sobre a relação entre percepção alterada e a transformação estética da obra de Salvador Dalí. **RESULTADOS:** Dentre as obras mais emblemáticas de Salvador Dalí que revelam aspectos psicovisuais, destacam-se *Metamorfose de Narciso* (1937), óleo sobre tela atualmente no *Tate Modern*, em Londres, e *Crucificação (Corpus Hypercubus)* (1954), exposta no *Metropolitan Museum of Art*, em Nova York. Outra obra de interesse é *A Persistência da Memória* (1931), pertencente ao acervo do MoMA, também em Nova York. Em todas essas peças, nota-se um uso estratégico da perspectiva, da deformação e da duplicação de imagens, configurando uma experiência visual complexa e ambígua (**Figura 11.1**).

Figura 11.1 *Metamorfose de Narciso* (1937) Salvador Dalí. Óleo sobre tela. Tate Modern, Londres



Fonte: DALÍ, S. Tate Modern, Londres. *Metamorphosis of Narcissus*, 1937. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/dali-metamorphosis-of-narcissus-t02343>.

As obras apresentam notável distorção espacial, fusão de formas e repetição simétrica, que sugerem uma intenção deliberada de confundir a percepção do observador. Em *Metamorfose de Narciso*, por exemplo, o mesmo elemento visual aparece sob duas formas distintas, o corpo do jovem Narciso e uma mão segurando um ovo criando um efeito ilusório que exige constante reconstrução cognitiva por parte do espectador (MELIES; REFKY; MANSOOR, 2020). Já em *Corpus Hypercubus*, Dalí representa a cruz como um hiper-cubo em quatro dimensões, evidenciando a interseção entre física moderna, religião

e visão simbólica expandida (DINE, 2016). Ainda que Dalí não tenha sido diagnosticado com uma condição oftalmológica específica, há inúmeros relatos de que ele utilizava estados liminares da consciência, como o sono-vigília, para produzir imagens vívidas e alteradas. Segundo Caraccio e Kryger (2023), esses estados estão associados a alucinações hipnagógicas — fenômenos neuropsiquiátricos nos quais o cérebro forma percepções sem que existam estímulos externos, criando percepções visuais intensas e surrealistas. Dalí desenvolveu uma técnica específica para capturar essas imagens, chamada “método paranoico-crítico”, que envolvia entrar em um transe controlado antes de pintar (**Figura 11.2**).

Figura 11.2 A Persistência da Memória (1931) Salvador Dalí. Óleo sobre tela. The Museum of Modern Art – MoMA, Nova York



Fonte: DALÍ, S. THE MUSEUM OF MODERN ART – MoMA. *The Persistence of Memory*, 1931. Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/79018>.

A iconografia daliniana está repleta de olhos, espelhos, sombras e duplos — todos símbolos clássicos da visão e da percepção alterada. A repetição de elementos como relógios derretidos, figuras deformadas e paisagens desérticas revela não apenas um interesse estético, mas uma investigação subjetiva sobre como a mente enxerga o mundo. A pintura torna-se, assim, uma janela para o funcionamento interno da visão, não apenas ocular, mas cerebral e emocional. Como argumenta Samoshchuk (2020), o processo criativo de Dalí é inseparável de sua personalidade obsessiva e sua busca constante por estados de percepção não ordinários. **DISCUSSÃO:** Este estudo propôs investigar os elementos psicovisuais presentes na obra de Salvador Dalí e sua possível relação com fenômenos neuropsiquiátricos e oftalmológicos, como ilusões ópticas, alucinações hipnagógicas e processamento visual simbólico. A importância da análise reside na in-

tersecção entre arte, neurologia, psiquiatria e oftalmologia, favorecendo um entendimento mais profundo do impacto das percepções alteradas no processo criativo. Dalí torna-se, assim, um exemplo paradigmático de como a arte pode refletir, e até antecipar, temas debatidos pela ciência da visão e da mente. As obras analisadas revelam uma intensa exploração de distorções visuais e simbólicas. Em *Metamorfose de Narciso*, o duplo visual convida o observador a reinterpretar constantemente o que vê (MELIES; REFKY; MANSOOR, 2020). Em *Corpus Hypercubus*, a transposição da cruz cristã para uma estrutura geométrica de quatro dimensões sugere uma tentativa de representar o invisível por meio do visível (DINE, 2016). Esses achados visuais não são meramente estilísticos, mas indicativos de um interesse profundo por estados modificados de percepção. A literatura científica tem demonstrado crescente interesse na relação entre percepção visual e arte. Martinez-Conde *et al.* (2015) apontam que “as ilusões ópticas em Dalí não apenas entretêm, mas também informam sobre como o cérebro interpreta a realidade”. Já Caraccio e Kryger (2023) enfatizam que os relatos de Dalí sobre suas visões durante o sono-vigília são compatíveis com alucinações hipnagógicas, fenômenos neuropsiquiátricos bem documentados. Ao incorporar esses estados em suas obras, Dalí transforma seu trabalho em um laboratório perceptivo aberto ao público. A análise retrospectiva da produção artística sob uma lente neuropsiquiátrica e oftalmológica pode enriquecer a formação médica. Ao estudar artistas como Dalí, estudantes e profissionais de saúde podem desenvolver maior sensibilidade para as experiências subjetivas dos pacientes com distúrbios visuais e perceptivos. Além disso, a arte oferece uma linguagem simbólica poderosa para discutir aspectos complexos da visão humana, como a interpretação do real, as distorções cognitivas e a importância da imaginação no processo de cura. Apesar dos benefícios, há limitações inerentes à análise retrospectiva de um artista já falecido. Não se pode confirmar diagnósticos nem estabelecer com precisão o impacto de possíveis condições neurológicas ou visuais sobre sua obra. No entanto, quando usada de forma crítica e contextualizada, essa abordagem pode lançar luz sobre aspectos antes negligenciados da produção artística, enriquecendo tanto o campo das humanidades quanto o da medicina (POPOVIĆ, 2021; SAMOSHCHUK, 2020). É recomendável que oftalmologistas, neurologistas, psiquiatras e educadores médicos considerem incluir análises artístico-perceptivas em sua prática pedagógica e clínica. Obras como as de Salvador Dalí podem servir como pontes entre a ciência e a subjetividade do paciente. A observação cuidadosa de imagens visuais criadas por indivíduos com experiências perceptivas alteradas pode oferecer insights valiosos sobre o funcionamento da visão e da mente humana. Este estudo limita-se à análise de algumas obras e relatos disponíveis em literatura secundária. Pesquisas futuras poderiam explorar outros artistas com relatos semelhantes ou até propor estudos experimentais com artistas vivos que experienciem fenômenos visuais atípicos. Além disso, o desenvolvimento de ferramentas interativas, como exposições imersivas ou simulações digitais, pode ampliar ainda mais o alcance educacional dessa abordagem interdisciplinar. **CONCLUSÃO:** A análise da obra de Salvador Dalí sob a perspectiva psicovisual revelou uma interseção rica entre arte, neurologia, psiquiatria e oftalmologia. Os elementos visuais distorcidos, ilusórios e simbólicos presentes em pinturas como *Metamorfose de Narciso* e *Corpus Hypercubus* sugerem não apenas escolhas estéticas, mas experiências perceptivas profundas, algumas possivelmente ligadas a estados alterados de consciência, como as alucinações

hipnagógicas descritas em estudos recentes. Ao explorar como as alterações visuais e cognitivas influenciaram a criação artística de Dalí, este trabalho contribui para uma abordagem mais interdisciplinar da arte e da saúde. A originalidade do estudo está na articulação entre dados clínicos e expressões artísticas, promovendo uma leitura que valoriza tanto o rigor científico quanto a subjetividade criativa. Essa abordagem oferece, ainda, ferramentas didáticas valiosas para o ensino médico, especialmente na sensibilização para a experiência visual do paciente. Ver Dalí é também ver com os olhos da mente, uma visão que ultrapassa o campo visual e penetra nos domínios do simbólico, do imaginado, do vivido. Como artista e como sujeito, Dalí nos lembra que “ver com os olhos da alma é, também, uma forma de cura”.

REFERÊNCIAS

1. CARACCIO, M.; KRYGER, M. H. SALVADOR DALÍ: hypnagogic hallucinations in art. *Sleep Health: Journal of the National Sleep Foundation*, v. 9, n. 1, p. 1-2, 2023.
2. DALÍ, S. *Metamorphosis of Narcissus*. Óleo sobre a tela, 50,8 x 78,3 cm. Londres: Tate Modern, 1937.
3. DALÍ, S. *The Persistence of Memory*. Óleo sobre a tela, 24 x 33 cm. Nova York: Museum of Modern (MoMA), 1931.
4. DINE, T. Surrealist Crucifixion by Dalí. *Academic Journal of Interdisciplinary Studies*, v. 5, p. 94, 2016.
5. MARTINEZ-CONDE, S. *et al.* Marvels of illusion: illusion and perception in the art of Salvador Dali. *Frontiers in Human Neuroscience*, v. 9, p. 496, 2015.
6. MELIES, S.; REFKY, A.; MANSOOR, N. Pictorial multimodal analysis of selected paintings of Salvador Dali, 2020.
7. POPOVIĆ, B. A. Constructing of the narcissistic artistic character in the autobiography of Salvador Dali: Salvador Dali with an insight into the painting metamorphosis of narcissus, and the Dali museum/equests. *Kultura*, n. 170-171, p. 167-178, 2021.
8. SAMOSHCHUK, O. ПСИХОЛОГІЧНІ АСПЕКТИ ОСОБИСТОСТІ ТА ТВОРЧОГО ПРОЦЕСУ САЛЬВАДОРА ДАЛІ. *Psychological Journal*, v. 6, n. 1, p. 175-186, 2020.

UMA NOVA FORMA DE VER A ARTE COM OLHOS CLÍNICOS E ALMA SENSÍVEL

“E se a história da arte que conhecemos tivesse sido pintada não apenas por emoções, estilos e movimentos, mas também por limitações visuais silenciosas?”

Este livro convida você a mergulhar no universo íntimo de grandes mestres como Monet, Van Gogh, Frida Kahlo e Rembrandt, revelando como doenças oculares — como catarata, xantopsia, ptose, escotomas e degenerações maculares — podem ter influenciado profundamente a estética e a percepção de mundo desses gênios.

Com linguagem sensível, científica e acessível, *A Lente dos Gênios* une oftalmologia, neurociência e história da arte para lançar uma nova lente sobre a criação artística — uma lente que passa pela pupila, atravessa o nervo óptico e alcança o coração do espectador.

Uma leitura para médicos, artistas, estudantes e todos que desejam enxergar além da superfície.”

Carolina Oliveira de Ávila

ÍNDICE REMISSIVO

Acuidade Visual	26, 52
Alucinações	62
Anatomia	13
Arte	20, 26, 38, 44, 52, 58
Arte e Medicina	1
Astigmatismo	38
Catarata	1
Cegueira Tardia	44
Ciência nas Artes	13
Claude Monet	1
Crise de Identidade	6
Degeneração Macular	26
Digoxina	6
Dor	32
Dor Crônica	32
Escotoma Central	52
História da Medicina	20
Impressão Visual	1
Manejo da Dor	32
Medicina nas Artes	6, 13
Oftalmologia	20, 26, 32, 38, 44, 52
Olho	32, 58
Óptica	62
Percepção Visual	20, 26, 38, 44, 52, 62
Pintura Impressionista	1
Ptose Palpebral	20
Simbolismo	58
Trauma	58
Visão de Cores	6